

INSTITUTO DE ECONOMIA DA UNICAMP

A SOCIEDADE ALEMÃ DA DÉCADA DE 1930:

As características socioeconômicas da coesão em torno do Nazismo

DANIEL TALES VIEIRA VIRDES

Orientador: Thomas Victor Conti

CAMPINAS

2015

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à minha mãe, ao meu pai e às minhas irmãs por terem me proporcionado, ao longo de toda minha vida, os valores morais e os conhecimentos necessários para que eu tivesse a oportunidade de fazer a minha graduação no Instituto de Economia da Unicamp. Ademais, agradeço ao apoio que me deram durante toda essa longa etapa.

Agradeço, em especial, ao meu orientador, Thomas Conti, que teve que ter paciência durante todo o processo de elaboração dessa monografia. Decidimos o tema do estudo em conjunto e, ao longo de todos esses meses, soube me mostrar o melhor caminho a seguir, de modo que, apesar de difícil, a realização desse trabalho fosse sempre interessante.

Agradeço também aos meus professores, por todos os ensinamentos teóricos que me proporcionaram nas aulas e, principalmente, por me instigarem a pensar criticamente, sempre tentando fazer seus alunos enxergarem além do que está diante dos olhos.

Aos meus amigos e colegas agradeço a convivência que tivemos desde 2009, que, além de muitos momentos de diversão, me proporcionaram o contato com novas ideias e pensamentos que, seguramente, contribuíram para formar as minhas opiniões e a visão do mundo que tenho hoje.

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a sociedade alemã na década de 1930 para encontrar as causas da coesão social em torno do nazismo. Buscaremos olhar para os diferentes grupos que compunham essa sociedade, suas características e seus interesses para entendermos os motivos que os fizeram apoiar um regime totalitário e violento, a ponto de estarem dispostos a abrir mão de liberdades e fazer sacrifícios individuais em nome do que o regime julgava ser o melhor para a nação. Partiremos da situação política e social da Alemanha na década de 1920, que estava organizada como a República de Weimar, tendo a social democracia alemã como seu pilar. Essa organização gerou reações de grupos conservadores que condenavam a mudança dos valores da sociedade no sentido do liberalismo e da democracia, assim como a reação de grupos ressentidos com a derrota na Primeira Guerra Mundial e as duras imposições do Tratado de Versalhes. Esses grupos não teriam seus sentimentos revanchistas e nacionalistas contemplados enquanto os valores sociais democratas vigorassem. A recessão mundial iniciada em 1929 foi fundamental para a mudança do cenário político no país, que acabou permitindo aos nazistas imporem uma ditadura, baseada na figura de liderança de Hitler, à partir de 1933. O regime nazista logo agiu para se consolidar no controle político e suas medidas econômicas provocaram a rápida melhora na situação socioeconômica do país, ampliando a base de apoio ao governo. As relações que os nazistas tiveram com os políticos, os militares, os empresários e industriais, a classe média e os operários ao longo desse período não se mantiveram constante ao longo dos anos e serão estudadas nas páginas abaixo. A capacidade de Hitler e dos nazistas em garantirem o apoio desses grupos, muitas vezes através da coerção e violência, permitiu que seus planos militares fossem colocados em prática e resultassem no maior conflito armado do século XX.

Palavras chave: Nazismo, Sociedade Alemã, Economia Nazista, Política Alemã

Abstract

This study aims to analyze the German society in the 1930's to find the causes of the social cohesion towards the Nazism. It will look the different groups that composed this society, their characteristics and interests to understand the reasons that lead them to support a totalitarian and violent regime, to a point of giving up aspects for their freedom and accepting individual sacrifices in name of what the regime judged to be the best for the nation. It departs from the German political and social situation in the 1920's, which was organized in the Weimar Republic, having the German social democracy as its pillar. This organization generated reactions of conservative groups which condemned the changes of values of the society towards the liberalism and the democracy, as well as the reaction of groups resentful with the First World War defeat and the tough impositions of the Versailles Treaty. These groups would not have their revanchist and nationalist feelings satisfied whilst the social democratic values ruled. The world recession that started in 1929 was crucial to the change in the political scenario in the country, that allowed the Nazi to impose a dictatorship, based on the leadership of Hitler, starting from 1933. The Nazi regime quickly acted to consolidate itself in the political control and its economic measures resulted in fast improvement in the socioeconomic situation of the country, expanding the government's support base. The relationship that the Nazi had with the politicians, militaries and business men, the middle class and the workers throughout this period didn't remain constant all through the years and will be studied in the following pages. Hitler and the Nazi's capacity to keep the support of those groups, many times due to coercion and violence, allowed their military plans to be put in practice and resulted in the largest armed conflict in the XX century.

Keywords: Nazism, German Society, Nazi Economy, German Politics

Sumário

Introdução	6
Capítulo 1 – Políticos e Militares	13
1.1 – O cenário político alemão de 1918 a 1933	13
1.2 – Interesses Políticos e Militares sob o governo de Hitler de 1933 a 1939	21
Capítulo 2 – Elites empresariais da indústria e dos serviços.....	28
2.1 – O descontentamento da indústria com a República de Weimar e a aproximação ao Nazismo	28
2.2 – A recuperação econômica do período 1933-36	33
2.3 – A reorientação da economia a partir de 1936	40
Capítulo 3 – Operários e a Classe Média	49
3.1 – O desejo popular de mudanças no início da década de 1930	49
3.2 – Doutrinação ideológica e o papel da propaganda	54
3.3 – A relação do regime com a classe média e os operários após 1933	62
Conclusão	68
Bibliografia.....	71

Introdução

Na década de 1930, a Alemanha se encontrava com inúmeros problemas sociais e econômicos, que vinham desde a Primeira Guerra Mundial e que se intensificaram após 1929 com a Grande Depressão, iniciada com a quebra da bolsa de Nova York. Mais de 8 milhões de pessoas perderam o emprego após 1929 na Alemanha, o país chegou próximo da falência e sua produção industrial havia caído para níveis do final do século XIX (Overy, 1994: 3).

Nesse período, muitos países se encontravam com problemas similares aos alemães, sendo que a resposta deles foi parecida em muitos sentidos, principalmente no enfraquecimento dos ideais e instituições liberais. A diferença da Alemanha foi o ideal nazista, personificado na figura do Hitler, de tornar o país uma superpotência militar, capaz de criar uma nova ordem econômica com a Alemanha em seu centro (Overy, 1994: 32).

As ambições de Hitler baseavam-se em ideias radicais da direita política, que teriam que enfrentar obstáculos extremamente difíceis para serem colocadas em prática e outros mais difíceis ainda para serem efetivamente atingidas. Este trabalho se propõe a estudar algumas dessas dificuldades, buscando nas características socioeconômicas da sociedade alemã na década de 1930 entender de que forma Hitler e os nazistas conseguiram formar uma rede de apoio constituída por grupos sociais e economicamente divergentes, permitindo que as ações e ideologias do movimento fossem colocadas em práticas.

Para estruturar o estudo, dividimos a sociedade alemã em alguns grupos que a compunham no período de ascensão do nazismo: os operários e a classe média, que sofriam com o desemprego e os problemas econômicos no país desde o final da década de 1920 e que, ao apoiarem o movimento nacional socialista, trouxeram uma essencial diferença deste para os outros movimentos radicais de direita do início do século XX; empresários, principalmente os industriais, que já haviam sofrido duros prejuízos devido a Primeira Guerra Mundial, sofreram também com a Depressão após 1929 e tinham profundos receios das revoltas sociais que a situação econômica alemã e a disseminação de ideias comunistas poderiam trazer; por fim, os políticos e os militares, entendendo a consolidação do Partido Nazista no controle político do país e também seus ambiciosos planos militares, que agradavam grande parte das Forças Armadas. A intenção de se fazer a análise desses diferentes grupos, de suas necessidades e interesses é

enxergar as características da sociedade alemã da forma mais completa possível e perceber o que levou à coesão social em torno do nazismo.

Para se entender a ascensão do fascismo como movimento, precisamos, em primeiro lugar, nos situar no contexto ideológico mundial do final do século XIX e início do século XX, quando os valores e instituições da civilização liberal pareciam estar bem inseridos nos países europeus e em outras regiões então consideradas “avançadas” e “em avanço” do mundo. Essas sociedades pareciam, de fato, compromissadas com o progresso das ideias liberais, entre as quais podemos citar a formação de governos constitucionais e assembleias representativas livremente eleitas, a garantia de um conjunto de direitos e liberdades dos cidadãos, como a liberdade de expressão, publicação e reunião, além do Estado e da sociedade como um todo se basear em valores da razão, da educação e da ciência, sempre com o espaço para o debate público aberto. Após a Primeira Guerra Mundial, com exceção da Rússia soviética, todos os países que estiveram envolvidos no conflito eram ou se tornaram regimes parlamentares representativos eleitos, sendo que, em 1920, a maioria dos países independentes da época já possuíam eleições para assembleias representativas e/ou presidentes (Hobsbawn, 1995: 90-91).

Assim, foi motivo de espanto para muitos o enfraquecimento desses valores da democracia liberal nas décadas de 1920 e 30. O período entreguerras se caracterizou pela dissolução de diversos governos constitucionais que foram substituídos por regimes menos democráticos, movimento intensificado após 1933, quando Hitler assumiu como chanceler alemão.

Como pontua Hobsbawn,

“(...)tomando o mundo como um todo, havia talvez 35 ou mais governos constitucionais e eleitos em 1920 (dependendo de onde situamos algumas repúblicas latino-americanas). Até 1938, havia, talvez, 16 desses Estados, em 1944, talvez 12, de um total global de 65. A tendência mundial parecia clara.”¹ (Hobsbawn, 1995: 92).

Já nos primeiros anos da década de 1920, os movimentos de esquerda, em contraposição aos de direita, se encontravam em situações mais difíceis de florescer e se expandir. O comunismo conteve o seu avanço quando perdeu a força após os movimentos iniciais do pós-guerra. A URSS se encontrava isolada, sem condições de buscar agregar novos territórios. Na

¹ Tradução livre feita pelo autor.

maioria dos países, os comunistas eram minoria, inclusive, nos movimentos trabalhistas e, mesmo onde tinham mais expressão, sempre acabavam por ser suprimidos. Essa condição se modificaria após a Segunda Guerra Mundial, mas no período do entreguerras, em que o liberalismo mais enfraqueceu-se, a esquerda não derrubou nenhum governo considerado liberal democrático. Podemos induzir, então, que a ameaça aos valores liberais vinha da direita política, que ameaçava não apenas governos institucionais e representativos, mas toda a ideologia da civilização liberal (Hobsbawn, 1995: 93-97).

Pode-se dizer que, em geral, as forças que derrubavam os regimes liberal-democráticos tinham algumas características em comum. Todos eram contra a revolução social, sendo inclusive uma reação às mudanças aos esquemas sociais trazidos pelas instituições liberais; favoreciam os militares e a polícia, pois esses eram a melhor forma de combater a subversão; o sentimento nacionalista também tendia a ser forte nesses movimentos, em parte por ressentimento contra Estados estrangeiros, guerras perdidas ou impérios insuficientes, em parte porque o nacionalismo era uma maneira de se conseguir o apoio popular e, com ele, maior legitimidade ao movimento (Ibid).

Dentre desses movimentos da direita, o fascismo foi, certamente, o mais significativo, iniciado na Itália por Mussolini, mas com fundamental acréscimo de força com a ascensão de Hitler. Movimentos não tradicionais da direita radical, com características antidemocráticas, nacionalistas, xenofóbicas e conservadoras existiam desde o final do século XIX, sendo, principalmente, uma reação ao liberalismo e a transformação acelerada da sociedade pelo capitalismo, à ascensão dos movimentos da classe trabalhadora e à forte migração de massa presente no mundo no período (Ibid). Esses movimentos, porém, não chegavam a dominar ou a controlar em nenhuma região. O que permitiu, então, que o fascismo se fortalecesse após a Primeira Guerra Mundial?

No período logo após a Primeira Guerra Mundial, podemos dizer que o fortalecimento da direita radical foi uma resposta ao perigo da revolução social e do poder operário em geral, que, se se disseminassem e fossem realizadas, trariam uma mudança social ainda mais significativa do que a que houve nas décadas anteriores provocadas pelas ideias liberais. Integrantes da classe média e até da média baixa, possuíam um grande ressentimento da perda da posição respeitável que possuíam numa já ultrapassada ordem social, mas que ainda tinham o desejo de recuperar. Essa classe média acabou por tornar-se importante ponto de apoio da direita radical. Desde antes

de 1914, eles sentiam-se esmagados, de um lado pela grande empresa e, do outro, pelos crescentes movimentos trabalhistas. O apoio à direita radical crescia conforme o tamanho da ameaça à posição de um segmento da classe média, à medida que se modificava o esquema que devia manter a sua ordem social no lugar. Em países e classes em que as ideologias da democracia e do liberalismo não eram dominantes, os movimentos da direita radical encontravam melhores condições para seu desenvolvimento (Hobsbawn, 1995: 98).

A grande diferença entre a direita fascista e a não fascista era que o fascismo existia mobilizando as massas de baixo para cima. Diferente de outros movimentos que condenavam e tentavam contornar a retórica democrática e popular da era em questão, o fascismo soube se utilizar da mobilização das massas, mesmo quando já havia chegado ao poder (Ibid). Essa característica foi essencial ao sucesso do fascismo como ideologia dominante na Itália e na Alemanha e na sua disseminação por outros países que, em geral, talvez por falta de tempo, acabaram por assumir formas, de certa maneira, mais brandas do regime.

Deve-se também considerar o impacto da guerra sobre uma camada de soldados e jovens nacionalistas. O chamado “soldado da linha de frente” exerceu um papel fundamental na formação de movimentos da direita radical, dando número aos primeiros esquadrões ultranacionalistas violentos (Hobsbawn, 1995: 102).

A Grande Depressão foi outra ruptura fundamental para que o fascismo se fortalecesse como força política. Para ilustrar, podemos ver o exemplo da Alemanha, citado por Hobsbawn: após a recuperação econômica de 1924, em que Hjalmar Schacht, Presidente do Reichbank da República de Weimar, conseguiu formular reformas monetárias que venceram a hiperinflação na Alemanha, o Partido Nacional-Socialista obteve entre 2,5 e 3% do eleitorado alemão nas eleições de 1928; em 1930, já possuíam 18% do eleitorado, tornando-se o segundo partido mais forte na política alemã; em 1932, era de longe o mais forte, com 37% dos votos totais (Hobsbawn, 1995: 106). Fica clara a estreita relação da Grande Depressão e o salto de Hitler, que saiu da periferia política da Alemanha para o seu centro, levando também a Alemanha a desempenhar um papel fundamental na transformação do fascismo como corrente política global.

Vimos, então, que ao longo da década de 1920 na Alemanha os nazistas tinham o apoio basicamente de alguns grupos de militares nacionalistas e de camadas da classe média. Em 1928, o Partido da Social Democracia consistia no maior partido alemão e estava, ainda, em expansão.

Muito se discute sobre a ação dos sociais democratas frente à ameaça nazista: se eles não perceberam o tamanho do perigo do movimento que se formava, ou se perceberam e não tomaram as medidas necessárias para conter o seu avanço. (Harsch, 1993: 3-4).

Em geral, os social democratas subestimaram o alcance e o poder de mobilização dos nazistas. A maioria do Partido da Social-Democracia não acreditava que o Partido Nacional-Socialista pudesse unir diferentes grupos sociais em torno de seus ideais, formando uma sólida base de apoio, o que fez com que demorassem para agir (Ibid).

A queda da renda na Alemanha, certamente, também contribuiu em grande escala para a radicalização do eleitorado alemão após 1929. Nesse ponto, a propaganda nazista teve importante participação, contribuindo para que grupos sociais descontentes com a ordem política vigente no período apoiassem, ou ao menos, dessem uma chance aos nazistas para que trouxessem as mudanças prometidas: tornar a Alemanha grande novamente no cenário mundial. Essa propaganda acabava por atingir primeiramente os jovens alemães, fazendo com que um grande número deles, rapidamente, se tornasse apoiadores das ideias nazistas (Evans, 2006: 261-290).

Com esse fortalecimento da ideologia fascista e sua característica de mobilização das massas, tanto na Itália, quanto na Alemanha, não foi necessário para o fascismo tomar o poder à força. Em ambos os casos, ele chegou ao poder de forma constitucional. Uma vez no controle, contudo, o fascismo não baseava suas ações nas regras tradicionais de conduta, e tomava posse onde fosse possível, inclusive eliminando rivais. Ou seja, temos fortes indícios de que o problema do fascismo não parece estar nas características excepcionais dos partidos que carregavam essa ideologia, mas nos elementos que fizeram as sociedades em que esses partidos estavam inseridos a darem suporte a eles (Hobsbawn, 1995: 104).

Esse é o período histórico que iremos estudar nos capítulos seguintes: passaremos pelo período logo anterior ao nazismo assumir o controle na Alemanha, para que possamos entender as bases que permitiram a ascensão do partido no cenário político alemão, mas vamos nos concentrar nos primeiros anos do regime, constituídos entre a posse de Hitler como chanceler e o início da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de analisar as medidas tomadas pelos nazistas, suas causas e consequências, especialmente, internas à sociedade alemã. Tentaremos compreender como que essa sociedade conseguiu deixar os problemas socioeconômicos do início da década de 1930, desencadeados ou agravados após a crise de 1929, para iniciar uma guerra geral menos de dez anos depois, quando a Alemanha desafiou as maiores potências da época.

Para o estudo, utilizamos autores que fizeram uma ampla investigação do período retratado, com diversas análises e discussões que certamente contribuíram para um maior entendimento do tema. Por serem textos que tratavam detalhadamente das questões que nos propusemos a investigar, foi interessante uma leitura mais profunda desses autores, como o Overy (1994), o Deist (1990) e o Evans (2006), essenciais para o desenvolvimento das ideias e raciocínios aqui contidos. Em grande medida, também utilizamos o Gellately (2001) e o Stackelberg, Winckle (2002), que também analisaram a forma com que Hitler e os nazistas interagiram com outros grupos. A leitura mais cuidadosa desses e alguns outros autores adicionais nos permitiu formular o cenário socioeconômico da Alemanha no início da década de 1930, assim como a relação do regime com grupos que compunham a sociedade do país.

Com a divisão dessa sociedade em alguns grupos compostos por elementos que apresentam certas semelhanças ou fatores em comum, poderemos fazer uma análise mais focada em cada um dos três capítulos do trabalho, estudando de maneira mais profunda o que a bibliografia sobre o período tem a nos dizer sobre esses grupos.

Assim, no Capítulo 1, “Políticos e Militares”, estudaremos a maneira em que o nazismo foi assumindo uma posição central na política alemã, os obstáculos iniciais que tiveram antes de se consolidarem no controle do governo e se algo poderia ter sido feito para contê-los. Vamos encontrar as principais oposições políticas que tiveram ao longo da década de 1930, o papel que essas oposições desempenharam no cenário político do período e como o Partido Nacional Socialista conseguiu suprimi-las. Relacionaremos o grupo dos políticos com os militares, que, apesar de ansiosos pelo rearmamento após as restrições impostas pelo Tratado de Versalhes, não encamparam tão facilmente as ideias de Hitler de tornar a Alemanha uma superpotência militar em um prazo muito curto de tempo. Acreditavam que a mobilização de recursos que essa campanha necessitava poderia impor grandes prejuízos à sociedade civil do país. Depois, buscaremos uma compreensão cuidadosa da natureza e características desses projetos de rearmamento tão importantes à agenda nazista, confrontando as medidas de “rearmamento direto” e as consideradas “rearmamento indireto” (Overy, 1994: 18-25).

No Capítulo 2, “Elites da Indústria e dos Serviços”, vamos analisar o modo em que o regime nazista se relacionou com uma elite capitalista. Se, por um lado, essa elite estava descontente com a ordem vigente, que permitia o crescimento de movimentos trabalhistas, e os problemas econômicos presentes durante o período da República de Weimar, desejando

mudanças no cenário econômico alemão, ao apoiarem o nazismo, eles estariam apoiando uma ideologia antiliberal, o que significaria abrir mão de grande parte de sua autonomia e aceitar uma forte atuação estatal ditando os rumos do capital no país. É importante entender que a relação entre o regime e a indústria não se manteve constante ao longo dos anos. Ela mudou de caráter conforme o movimento nazista se consolidava e conforme a política internacional de Hitler e suas ambições militares passaram a ditar a forma das relações públicas alemãs. É certo dizer que houve relações diferentes entre o regime e distintos setores industriais, até mesmo, distintas firmas dentro de mesmos setores. Nem todos reagiram da mesma forma ao regime e nem todos foram tratados da mesma maneira (Overy, 1994: 12).

No Capítulo 3, “Operários e a Classe Média”, buscaremos encontrar os motivos que fizeram com que a classe média e trabalhadora da Alemanha encampasse os objetivos nazistas. Sem dúvida, a propaganda nazista teve papel fundamental nesse ponto, unindo em torno do Partido Nacional Socialista aqueles que estavam ressentidos com as rápidas mudanças sociais que o capitalismo e as ideias liberais estavam provocando na sociedade do período, principalmente aqueles que haviam perdido o emprego após a crise de 1929. A rápida recuperação econômica e o sucesso das políticas de criação de emprego nos primeiros anos do nazismo ajudaram a aumentar e fortalecer o apoio desse grupo ao regime, que, em certo momento, passaram a apoiar até mesmo a guerra e se tornaram dispostos a se sacrificar pelo Grande Reich.

Fizemos aqui uma tentativa de situar o estudo no período histórico em questão e de mostrar, em linhas gerais, o que apresentaremos ao longo dos capítulos. O fato de a bibliografia utilizada para esse trabalho ser toda estrangeira, de autores de diferentes nacionalidades deve, no geral, nos dar uma visão mais objetiva sobre o assunto. Não buscamos aqui julgar os atos dos nazistas, analisando opiniões e valores individuais, mas sim, compreender os valores da sociedade alemã da década de 1930 e como eles se mesclaram à ideologia nazista, permitindo que seus planos fossem colocados em execução.

Capítulo 1 – Políticos e Militares

1.1 – O cenário político alemão de 1918 a 1933

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, as elites políticas e militares alemãs estavam muito enfraquecidas, o que permitiu o desenvolvimento dos sociais democratas no país. Com isso, e na tentativa de diminuir as fortes pressões externas, em 1918 foi formada a República de Weimar na Alemanha. Com a nova constituição aprovada, o país se tornava uma democracia representativa semi-presidencial, em que o chanceler nomeado pelo presidente da república seria o responsável pelo poder executivo. Assim, na década de 1920, o país viveu um período de liberalismo e tinha a social democracia como seu principal pilar político (Harsch, 1993: 1).

Nesse contexto do final da Primeira Guerra, surgiu o movimento nazista, que teve início no começo dos anos 1920, como uma reação ao liberalismo e aos valores democráticos implantados na Alemanha com a República de Weimar. De caráter conservador, nacionalista e radical, o nazismo alemão se baseou fortemente na ideologia fascista de Mussolini. Ambos pregavam um Estado forte, com um líder forte, capaz de decidir o melhor para a nação e trazer estabilidade política e econômica para o florescimento do país. Na Alemanha, o ressentimento causado pela derrota na Primeira Guerra Mundial e, principalmente, pelas medidas punitivas definidas no Tratado de Versalhes, geraram um forte sentimento de revanchismo e aflorou o nacionalismo alemão em grande parte das pessoas, que desejavam rever a Alemanha forte no cenário mundial, capaz de vencer militarmente seus antigos adversários. Além disso, o medo da disseminação das ideias socialistas também foi uma das principais fontes de atração de membros ao movimento nesse primeiro momento.

Olhando para a segunda metade da década de 1920, vemos o Partido Nazista ainda se estruturando, enquanto os sociais democratas já estavam organizados e fortes politicamente. Nesse momento, os sociais democratas ainda não consideravam o nazismo uma ameaça, acreditando que não haveria problemas para a continuidade da república e da democracia (Harsch, 1993: 1).

O mais importante expoente do movimento social democrata era o Partido Social Democrata, que era o principal partido político da Alemanha no período. Além dele, haviam outros partidos que também defendiam causas da classe trabalhadora e defendiam a democracia e, sob o comando do partido, várias organizações de trabalhadores atuavam em diferentes áreas,

como esporte e lazer. Sindicatos também tinham sua ligação com o partido, ao mesmo tempo em que havia jornais que exaltavam o passado de luta dos movimentos trabalhistas, os programas dos sociais democratas e aspectos políticos de suas culturas (Harsch, 1993: 1-4). O Partido Social Democrata conseguia dessa maneira o apoio de camada significativa da população, apesar de muitos grupos estarem descontentes com a mudança política e social no período da República de Weimar. Alguns membros da classe média, por exemplo, se ressentiam com a perda do status e da posição econômica que possuíam nos anos anteriores, assim como criticavam os novos valores trazidos pela ideologia liberal, enquanto empresários e industriais, que formavam um grupo muito distinto em seus interesses, em geral, aprenderam a conviver com a república e a democracia em termos econômicos, mas tinham forte temor frente às ideias marxistas que floresciam na sociedade.

Os militares, que haviam ficado muito fracos politicamente após a Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Versalhes, que impôs severos limites ao poder militar alemão, já desejavam retomar uma posição central no contexto político do país, buscando meios para se reestruturarem. Uma lição que esse grupo percebeu na Primeira Guerra foi que todos os conflitos futuros seriam conflitos de economias, não apenas de exércitos. Dessa maneira, consideravam que a responsabilidade de garantir que a economia estivesse preparada para períodos de guerra era das Forças Armadas (Overy, 1994: 177).

Assim, à partir de 1925, representantes das Forças Armadas já defendiam uma relação mais estreita entre a economia e o exército, o que significava não apenas a relação com a produção industrial, mas também a preparação da força de trabalho, a alocação adequada dos recursos e a manutenção de uma moral elevada que beneficiaria ambos os lados. Foram montando planos que buscavam maneiras de se relacionar a produção militar e a indústria, apesar de ainda tímidos e longe do conhecimento público (Overy, 1994: 178). Contudo, dificilmente esses planos se tornariam muito maiores com o controle político dos sociais democratas. O caráter liberal e pacifista do movimento era incompatível com planos intensos de rearmamento. Além disso, com o perigo de represálias internacionais pelo descumprimento do Tratado de Versalhes, o crescimento desses projetos necessitaria de um líder forte, capaz de ter atrás de si o apoio de parcela significativa da população, que lhe desse força para desafiar as imposições das grandes potências da época.

Apesar de não ser uma unanimidade dentre a população, nas eleições pro Reichstag em 1928, o Partido Social Democrata mostrou que estava forte no cenário político do país sendo vitorioso com 29,8% dos votos, enquanto o Partido Nazista teve apenas 2,6%. Nesse ano, o Partido Social Democrata se manteve o mais representado no Reichstag, sendo o chanceler nomeado um de seus membros (Harsch, 1993: 1).

Em 1928, entre os movimentos trabalhistas no mundo capitalista, o Partido Social Democrata consistia em um dos mais significativos, contudo, o Partido Nazista se organizava e construía sua ideologia e modo de operar. Muitos historiadores defendem que o Partido Social Democrata não fez grande esforço para deter a ameaça nazista e evitar a dissolução da república e que haviam subestimado o tamanho da base de apoio do Partido Nazista e sua capacidade de mobilização. Segundo Harsch, mesmo que não o tenham subestimado, talvez não o tenham compreendido corretamente. Eles provavelmente sabiam que estavam frente a um perigo, mas não encontraram a natureza e a causa dessa ameaça (Harsch, 1993: 2-3).

Nesse ponto, é importante analisarmos os possíveis motivos que fizeram com que houvesse uma mudança ideológica na sociedade alemã, em que o enfraquecimento e dissolução do Partido Social Democrata e a ascensão do Partido Nazista possam ser entendidos, ao mesmo tempo, como causa e consequência do processo. Por um lado, a maneira como o Partido Social Democrata era organizado internamente pode ter contribuído com sua falta de ação frente ao fortalecimento do movimento nazista. A sua estrutura e ideologia eram tradicionais, apesar de seus membros estarem sempre discutindo sobre novos pensamentos e como isso poderia ser incorporado ao partido. Porém, a rígida burocracia e hierarquia interna do partido agiam no sentido de fazer com que o movimento interno do partido acabasse por ser uma das causas de sua imobilidade externa, contribuindo com sua perda de poder. Quando alguns de seus membros buscavam algumas reformas, eram bloqueados por outros hierarquicamente acima deles (Harsch, 1993: 4-5). Além disso, dentro do movimento social democrata, também havia muitas divergências entre os partidos e organizações, o que gerava conflitos internos ao movimento e impedia que a atenção se voltasse para fatos externos, além de impedir que o movimento seguisse unido e forte. Em contraste com o movimento nazista, eles sofriam com a falta de uma liderança central (Harsch, 1993: 5).

Assim, talvez a grande causa de seus problemas internos pode ter sido a ambígua ideologia do Partido Social Democrata: o movimento se comprometia com o marxismo ao

mesmo tempo em que estava comprometido com o parlamentarismo democrático. Essa contradição no pensamento dos sociais democratas gerava atitudes ambivalentes. Enquanto pessoas mais conservadoras e partidos burgueses recebiam apoio ao movimento devido ao seu caráter marxista, a ala esquerda do movimento considerava o partido muito comprometido com a causa burguesa e com as políticas parlamentares, muito relutante à mobilização das massas e não marxista o bastante (Harsch, 1993: 6).

Em meio a tudo isso, o Partido Nazista vinha agindo na tentativa de fortalecer. Foram criadas escolas de oradores, por exemplo, para que se criasse uma identidade entre os membros do partido que discursavam para as massas, além de possibilitar que esses discursos fossem mais frequentes e mais dispersos no território alemão. Passaram a atingir cada vez um número maior de pessoas, mas para que pudessem crescer e assumirem posição importante dentro da política alemã, algum acontecimento catalisador seria necessário.

Esse acontecimento se passou em 1929, com a quebra da bolsa de Nova York, que causou uma crise mundial e fez com que a situação econômica e social alemã piorasse significativamente, enfraquecendo de modo irremediável o Partido Social Democrata.

Tratou-se da maior crise econômica que o mundo havia visto até o momento, que se iniciou nos Estados Unidos e causou o declínio da produção, o aumento dos preços e o desemprego em massa no país. Com as interligações internacionais do comércio e do capital, os efeitos da crise não se restringiram apenas ao território dos Estados Unidos e acabaram por se espalhar por todo o globo. As causas dessa crise fogem ao escopo desse estudo, contudo, pode-se dizer que sua existência foi determinante para os acontecimentos vistos ao redor do mundo ao longo da década de 1930, sendo o próprio fortalecimento do nazismo uma dessas consequências. O Estado democrático se identificava fortemente com o princípio do mercado mundial liberal, mas agora vinha perdendo sua credibilidade ao mesmo tempo em que esse mercado mundial ruía. Enquanto a depressão se prolongava, agitações sociais e novos pensamentos surgiam em diversos lugares, muitos contrários ao sistema em vigor. Surgiu o sentimento nos mercados de que esse fenômeno não seria passageiro e, sim, permanente, o que colocava em questão também a validade do atual sistema econômico internacional (Deist, 1990: 159-161). Com isso, em muitos desses locais, se tornava cada vez mais forte o desejo de se substituir o sistema vigente.

Na Alemanha, essa crise se traduziu num forte desemprego no início da década de 1930 e uma forte queda dos investimentos no setor privado, o que colocou o governo social democrata

frente a uma grave crise econômica, em que ele não soube como agir. Isso fez com que a burguesia e os empresários do país se afastassem cada vez mais do movimento, aliado ao fato de que a elite alemã do período tinha grandes tendências antidemocráticas (Harsch, 1993: 11). Além deles, se afastaram também a classe média e os trabalhadores, os mais prejudicados com a crise. Então, foram as consequências políticas e ideológicas que fizeram a crise de 1929 ser na Alemanha diferente do que a maioria dos países, e não as razões econômicas em si. Seguindo a ideia de Deist (1990: 159), a crise colocou em teste a democracia, num momento em que várias camadas da população, especialmente a classe média, perdiam a fé em soluções puramente econômicas para os problemas que o país vinha enfrentando. Desse modo, a crise do capitalismo coincidiu com uma forte crise de confiança com o Estado democrático e o governo parlamentar.

Hitler, então, percebeu que a sociedade alemã estava insatisfeita com a República de Weimar e seus valores liberais e desejava medidas radicais para tratar a crise. Queria mudanças drásticas nas políticas e líderes fortes, de modo que a instabilidade política e o caos social pudessem ser resolvidos (Gellately, 2001: 10). Por outro lado, o comunismo também vinha se fortalecendo significativamente frente ao caos econômico e social instaurado no país. Assim, enquanto a Alemanha enfrentava uma recessão mundial que piorou a situação de todos no país, o Partido Comunista se fortalecia pela esquerda e o Partido Nazista pela direita (Harsch, 1993: 5).

Nesse contexto, o crescimento do Partido Nazista no início da década de 1930 não foi consequência do apoio de certo grupo ou classe específico. A maioria das classes não votavam como um bloco, sendo que o apoio do nazismo não era unânime em nenhuma delas, mas estava presente em, praticamente, todas. Apesar de não haver essa coesão nos grupos, sem dúvida, a baixa classe média, com artesãos e donos de lojas, a classe trabalhadora e a classe média alta, com funcionários públicos e diversos profissionais graduados, formaram uma forte base de apoio ao Partido Nazista. A falta de um programa econômico bem definido e bem pautado pelos nazistas permitiu que a classe média fosse atraída, apesar de, em geral, as preocupações e interesses econômicos dessas classes serem distintos ao que buscava o regime. Essa classe média passou a votar seguindo um fervor causado pela crise. Ao mesmo tempo, os trabalhadores rurais talvez fossem os mais suscetíveis a aceitarem as ideias nazistas. Também pode-se dizer que Hitler conseguiu fazer com que, praticamente, toda a direita alemã se sentisse contemplada pela ideologia nazista. Enquanto alguns dos que apoiavam o Partido Nazista mantinham uma

ideologia conservadora e apreciavam o caráter antiliberal da doutrina, muitos buscavam apenas manter-se o mais longe possível das ideologias marxistas (Harsch, 1993: 106-108).

Hitler tinha uma excepcional habilidade de mobilizar as pessoas e as massas. Assim, nesse início da década de 1930, conseguiu introduzir dentro das aspirações e planos nazistas interesses de todas as classes alemãs, ou ao menos, fazer com que essas classes acreditassem que as intenções do Partido Nazista estavam de acordo com seus próprios interesses. Ele acabou se tornando uma forte liderança política e capaz de influenciar muita gente.

“Muito do sucesso de Hitler nos últimos anos da República de Weimar se baseou na sua habilidade de conseguir e manter o apoio das elites econômicas e militares da Alemanha, ao mesmo tempo em que conseguia nutrir os anseios revolucionários das classes mais baixas e trabalhadores.”² (Stackelberg, Winkle, 2002: 101).

Com a decadência do movimento social democrata e o fortalecimento tanto do nazismo, quanto do comunismo, ainda em 1930, os nazistas e os comunistas já ocupavam parcela significativa dos assentos do parlamento, o que dificultava com que o então chanceler, Heinrich Brüning, pertencente ao Partido Social Democrata, conseguisse aprovar as suas medidas. Na tentativa de mudar essa situação e para que seus programas de austeridade de combate à crise fossem colocados em prática, ele fez uso do Artigo 48 da constituição, que dava poderes de emergência para o presidente Paul von Hindenburg, que passou, então, a governar por decretos (Stackelberg, Winkle, 2002: 98). Hindenburg foi um marechal e político alemão, que teve importante papel na Primeira Guerra Mundial. Era o presidente da República de Weimar desde 1925 e não apreciava Hitler e seu movimento.

O problema para os sociais democratas só piorou em 1931. Em janeiro, 4,9 milhões de pessoas estavam desempregadas, sendo que 92% deles eram trabalhadores braçais. Em fevereiro de 1932, esse número já havia subido para 6 milhões, um terço da força de trabalho do país. Enquanto isso, o governo não fez nada para amaciar os efeitos diretos da crise. As políticas que foram realizadas pelo governo agiram no sentido de prejudicar ainda mais os trabalhadores. Foram retirados benefícios e serviços sociais e aumentou-se tarifas agrárias, por exemplo. Os salários caíram 13% em 1931, enquanto os preços caíram apenas 5% (Harsch, 1993: 127). Assim, a base de apoio do Partido Social Democrata estava cada vez menor.

² Tradução livre feita pelo autor.

Nas eleições de 1932 e 1933, os votos do Partido Social Democrata foram caindo, o que mostra que a população estava buscando uma alternativa ao governo vigente (Harsch, 1993: 132). Um fato que ilustra que o povo alemão desejava mudanças e estava descontente com o sistema da República de Weimar, foi quando, em 1932, nas últimas eleições antes do período ditatorial, a grande maioria dos votos foi para partidos antirrepublicanos, sendo os nazistas, os comunistas e os nacionalistas os principais, todos querendo abolir o sistema parlamentar (Gellately, 2001: 11).

O Partido Nacionalista era composto por conservadores nacionalistas e tinha Alfred Hugenberg, um banqueiro que se tornou o principal proprietário de jornal e mídias na Alemanha da década de 1920, como líder. Compartilhavam alguns pontos da ideologia nazista e buscavam a aliança de Hitler, de modo que pudessem obter o apoio popular para uma ditadura nacionalista. Hitler aceitava a aliança, contudo, era cuidadoso para não se identificar muito com as velhas elites, preocupado em perder o apoio das classes médias e baixas. Apesar das similaridades nos planos nacionalistas, havia rivalidade entre Hugenberg e Hitler, já que ambos queriam liderar. Além disso, Hugenberg tinha receios quanto ao radicalismo econômico dos nazistas (Stackelberg, Winkle, 2002: 101). De qualquer maneira, o Partido Nacionalista auxiliou aos nazistas no processo de tomada de poder e, obviamente, não conseguiram fazer suas vontades se sobreporem ao dos nazistas.

Em 1932, estava muito complicado para o chanceler nomeado Franz von Papen e o presidente Hindenburg governarem sem contarem com o apoio e participação de Hitler e seu partido, já que o movimento nazista estava forte no cenário político e social do país, conseguindo grande parte dos votos nas eleições. Assim, ambos tentaram trazer Hitler para a coalizão do governo, oferecendo-lhe o cargo de vice-chanceler. Hitler, contudo, assumiu uma estratégia ousada de “tudo ou nada” e se recusou a fazer parte de qualquer governo como vice-chanceler ou qualquer outro cargo, como mostraram Stackelberg e Winkle (Stackelberg, Winkle, 2002: 118). Nas eleições de novembro de 1932, a última antes de Hitler assumir como chanceler, os nazistas perderam dois milhões de votos em relação as eleições de julho de 1932, em que haviam conseguido o maior número de votos até então, 37,4% dos votos (Ibid). Essa redução para 33,1% do total de votos pode ter tido como causa um descontentamento popular com a recusa de Hitler em fazer parte do governo (Ibid).

Hitler, porém, seguiu com sua estratégia de ter todo o poder ou se recusar a compartilhar o poder e pressionando o presidente Hindenburg para que lhe nomeasse chanceler. Hindenburg se

recuava a aceitar os pedidos pelo medo disso trazer uma ditadura nazista. O chanceler Franz Von Papen seguia incapaz de conseguir a maioria do parlamento sem o apoio de Hitler (Stackelberg, Winkle, 2002: 118).

O General Kurt von Schleicher substituiu Papen em dezembro de 1932 e teve o mesmo problema. Von Schleicher era um dos militares que mais se esforçava para que o exército reassumisse sua tradicional posição política na Alemanha desde a década de 1920 (Overy, 1994: 179). Incapaz de formar uma coalizão forte sem o apoio nazista, finalmente persuadiu o presidente Hindenburg a deixar de se opor a Hitler. Assim, a estratégia de tudo ou nada de Hitler daria certo. Papen também acabou por ter um papel importante, aceitando ser o vice-chanceler de Hitler. Assim, em 30 de janeiro de 1933, o novo governo assumiu (Stackelberg, Winkle, 2002: 118).

O caráter conservador e de reconstrução do novo governo que Hitler prometia em 1933 fazia efeito nos milhões de alemães que culpavam o sistema parlamentar, as disputas partidárias e os marxistas pelos impasses na política nacional. Como nos mostra Stackelberg, aos membros das elites militares e industriais, Hitler mostrava mais claramente seus planos: a destruição do sistema parlamentar, subjugar os comunistas, a criação de uma ditadura, o rearmamento, mudanças nas determinações do Tratado de Versalhes e a preparação de guerra, que eram pontos considerados essenciais para a suposta necessidade de mais territórios da Alemanha. Logo que assumiu como chanceler, Hitler fez uma reunião com os líderes das Forças Armadas alemãs, em que afirmou seu comprometimento em derrotar o marxismo e acabar com a democracia na Alemanha, assim como reconstruir as Forças Armadas, inclusive reintroduzindo o serviço militar obrigatório. Apesar de raramente admitir publicamente seus planos expansionistas, Hitler não encontrava motivos para esconder de seus generais seu objetivo de ampliar o espaço vital alemão (Stackelberg, Winkle, 2002: 123 - 128).

Assim, para que rapidamente atingissem seus objetivos, logo após assumir o poder, Hitler tomou medidas para fortalecer o poder nazista, que ainda não estava consolidado na liderança do cenário político alemão. No dia 4 de fevereiro de 1933, fez um decreto em nome da “proteção do povo alemão” em que restringiu em grande parte a liberdade de imprensa, de reunião e de expressão. Criou-se, assim, uma importante base para o monopólio de notícias políticas, a supressão de opiniões e pensamentos contrários ao nazismo e uma política de influência ideológica nos próximos anos (Deist, 1990: 90). Ao mesmo tempo, os nazistas lançaram uma

violenta perseguição contra seus adversários políticos, em especial, líderes e funcionários do Partido Comunista e do Partido Social Democrata (Stackelberg, Winkle, 2002: 123). Pouco depois, sob o pretexto de um incêndio no Reichstag, que Hitler assumiu como obra dos comunistas, um novo decreto em nome da “proteção do povo e do Estado” revogou uma série de direitos básicos, criando um permanente estado de emergência, o que permitiu também recrudescer a perseguição aos adversários políticos (Deist, 1990: 90).

Depois, com o apoio de todos os partidos de centro e de direita, o Reichstag aprovou o Enabling Act, em março de 1933. Esse decreto acabou dando poderes quase ditatoriais a Hitler e liberando-o da necessidade de aprovação de Hindenburg para legislar, que havia sido imposta pelos poderes emergenciais dados ao presidente pelo Artigo 48 da constituição, usado por Brüning em 1930. Hindenburg, então, passou a ter pouca influência de fato sobre as medidas tomadas. Assim, Hitler poderia legislar e governar mesmo com a oposição das alas de esquerda. Na continuidade, o regime foi destruindo passo a passo o que restava do sistema parlamentar, retirou seus políticos do poder e criaram um regime ditatorial. Nesse processo, os nazistas tiveram o apoio dos membros do governo, do exército, os industriais e os agrários a quem eles representavam (Deist, 1990: 90).

Hitler tomou cuidado e se esforçou para dar um caráter de legalidade ao seu processo de tomada total do poder. Os nazistas queriam implantar a ditadura usando os meios que haviam sido disponibilizados pelos próprios sociais democratas. Seguramente, isso daria maior legitimidade à ditadura e a tornaria mais fácil de ser aceita pela população (Gellately, 2001: 13).

Em março de 1933, quando Hitler conseguiu aprovar a mudança constitucional que lhe dava poderes ditatoriais, ele fez um discurso em que afirmou que seus objetivos políticos e sociais iam muito além da derrota do comunismo, acabar com o desemprego e recolocar a Alemanha numa importante posição dentro da Europa. Afirmou que tinha o objetivo de criar uma comunidade que fosse de fato para o povo, destacando a importância da “purificação moral do corpo político” (Gellately, 2001: 13). Nesse momento, Hitler se torna o líder da Justiça do país, além do líder do Estado, assumindo ainda mais o papel de levar ordem ao país (Ibid).

1.2 – Interesses Políticos e Militares sob o governo de Hitler de 1933 a 1939

Com a chegada de Hitler ao poder, as estratégias das Forças Armadas em aliar a economia com a prática militar encontrou o seu expoente mais forte. Hitler acreditava que nenhum conflito

poderia ser travado sem que o país tivesse uma economia forte. Assim, para que uma guerra pudesse ser enfrentada, era necessário preparar a economia, já que a guerra era também sobre recursos econômicos. Assim, os nazistas queriam obter novos recursos através da expansão do espaço vital alemão, o que somente poderia ser atingido com a mobilização total da economia do país (Overy, 1994: 179). Ou seja, nas palavras de Overy:

“(...)a guerra determinaria o futuro da economia do país e a vitória militar poderia significar poder econômico e segurança.”³ (Overy, 1994: 179).

Assim, as medidas de Hitler em 1933 agiram no sentido de fortalecer as bases da estratégia de mobilização total de guerra, que grupos de militares já defendiam desde meados da década de 1920. Nesse sentido, existe a ideia de que a preparação militar e econômica da Alemanha na década de 1930 não foi o resultado apenas do pensamento nazista, mas de concepções estratégicas desenvolvidas mesmo antes de Hitler assumir o poder, como nos mostra Overy. (Overy, 1994: 178-179).

A economia deveria ser capaz de gerar os recursos necessários para a condução da guerra total. Assim, o governo nazista desejava a recuperação econômica e uma menor dependência da Alemanha em relação a outros países, diminuindo o perigo de bloqueios econômicos, e que caminhava no sentido da ideia de autarquia, e o reestabelecimento de uma alta capacidade militar. Isso requereria não apenas a reconstrução das Forças Armadas, mas também uma preparação psicológica e material de toda a população para conflitos futuros (Ibid).

Então, apesar de haver certas discussões sobre o controle e a intensidade que os programas de rearmamento deveriam ter, havia pouco motivo para conflito por parte dos líderes militares. O novo ministro da defesa, Werner von Blomberg, veterano da Primeira Guerra Mundial, já compartilhava as ideias de Hitler antes de 1933 e todo o corpo militar apreciou a estabilidade política trazida por um governo autoritário nesse primeiro momento, assim como o papel central que as Forças Armadas teriam nesse novo regime (Overy, 1994: 179).

Considerando a situação do país em 1933, o primeiro esforço do governo nazista deveria ser o de solucionar a crise econômica, com a criação de empregos sendo o principal ponto.

“O regime se comprometeu em prover “Pão e Trabalho” à população; Hitler sabia que, se não conseguissem fazê-lo, outros objetivos seriam

³ Tradução livre feita pelo autor.

mais difíceis de alcançar, e manteria e sustentaria a instabilidade social e política que o levou ao poder em primeiro lugar.”⁴ (Overy, 1994: 4).

A política de recriação de empregos se baseava em programas de investimentos financiados pelo Estado, em projetos intensivos em mão-de-obra. O reparo e reconstrução de pontes e estradas, além de subsídios para a construção de casas e estímulos a projetos de engenharia pública teriam grande importância nos planos nazistas (Overy, 1994: 4-6).

A criação de empregos estimulou a demanda e possibilitou a retomada do ciclo de produção. A rápida melhora no cenário econômico promovida pelas medidas adotadas pelo governo nazista provocou o fortalecimento do apoio dos trabalhadores ao regime. Passavam a acreditar que Hitler poderia, realmente, realizar o que prometia, fortalecendo suas convicções e encampando de maneira mais forte a ideologia nazista (Ibid).

Ao mesmo tempo em que buscava a solução econômica para causas civis, Hitler nunca se distanciou de seu verdadeiro objetivo, afirmando que “*o futuro da Alemanha depende única e exclusivamente da reestruturação das Forças Armadas*”⁵ (Overy, 1994: 4). Então, a recuperação econômica, para Hitler, era um meio de atingir esse rearmamento, assim como diminuir as chances de revoltas sociais.

Assim, nos primeiros meses do governo de Hitler, o rearmamento seguiu, basicamente, nas mãos das Forças Armadas, que continuou com seus planos elaborados antes de 1933. Esses planos já tinham como objetivo aumentar o tamanho das Forças Armadas além do permitido pelo Tratado de Versalhes. Em dezembro de 1933, finalmente foi feito um novo programa, um pouco mais ousado, em que se triplicaria o tamanho do exército até 1938. O tamanho desse exército ainda seria pequeno se comparado com o de outras potências europeias, como a França. Nesse momento, o mais importante era reconstruir a infraestrutura militar no país. Os militares seguiam pensando, também, na questão da economia. Em 1934, pressionaram para que Hitler colocasse no Ministério da Economia alguém ligado aos militares, mas Hitler acabou preferindo Hjalmar Schacht no momento (Overy, 1994: 180). Schacht já havia sido presidente do Reichsbank na República de Weimar e contava com grande prestígio e confiança entre os economistas alemães.⁶

⁴ Tradução livre feita pelo autor.

⁵ Tradução livre do autor. No original “The future of Germany depends exclusively and alone on rebuilding the Armed Forces” (Overy, 1994: 4).

⁶ No Capítulo 2, em que investigaremos a relação da indústria com o regime, vamos olhar mais de perto para as medidas econômicas de Schacht.

O novo Ministro da Economia apoiava os programas de rearmamento e tinha o apoio dos empresários e de parte dos militares também. Von Blomberg, Ministro de Defesa de Hitler, buscou alinhar medidas com Schacht, para que a reconstrução militar e a economia estivessem sempre em sintonia, sendo que ele controlaria a produção de armamentos e relacionados, enquanto Schacht supervisionaria a coordenação das áreas civis da economia. Nesse momento, ainda havia o receio de respostas internacionais ao descumprimento do Tratado de Versalhes, o que fazia com que os planos militares estivessem mais contidos e não fossem abertamente divulgados. Assim, em 1933 e 1934, os resultados do rearmamento ainda foram modestos. Em 1933, os gastos militares foram apenas 1,9% do PIB alemão, e em 1934, 4% (Overy, 1994: 181).

Assim, pode-se dizer que a maior parte dos investimentos feitos no período entre 1933-34 foi gasto em investimentos civis, como reparos de estradas e pontes, manutenção e renovação da infraestrutura do serviço postal e das ferrovias, construção de casas, etc... então, os projetos de criação de empregos foram de caráter não-militar; programas de curto prazo para a criação de empregos e estimular a economia (Overy, 1994: 4-8).

Alguns historiadores, contudo, interpretam esses projetos como uma forma de rearmamento velado ou indireto, ou seja, que a criação de empregos era o rearmamento camuflado. Como Overy mostra, existe no estudo do período uma distinção entre o rearmamento direto (produção militar) e rearmamento indireto (fornecimento de materiais, maquinários, equipamentos, investimentos de infraestrutura, etc... necessários para sustentar a produção militar). Desenhar a linha de separação entre eles, porém, não é tarefa fácil. Mas, para se analisar o rearmamento, então, deve-se também considerar no processo a extensiva mobilização de recursos econômicos materiais, maquinários e mão-de-obra de setores civis, não apenas o fornecimento de armas e equipamentos militares. Nesse sentido, rearmamento vai muito além da produção militar. No caso da Alemanha nazista, é ainda mais difícil distinguir os dois tipos de rearmamento, já que Hitler estava, desde o princípio, comprometido a remilitarizar a Alemanha e fortalecer a economia de modo que fosse estrategicamente útil. Assim, praticamente todas as ações do governo nazista foram contribuições a uma rede mais ampla (Ibid).

Independente da comprovação da utilidade militar de cada um dos projetos de recuperação, com certeza, o rearmamento foi decisivo para a definição dos programas econômicos, definindo os gastos públicos e as escolhas de alocação dos recursos. A meu ver, isso trouxe diversas implicações sociais ao país, já que grande parte da população teria que fazer

sacrifícios em prol da campanha de tornar a Alemanha uma superpotência militar. Os empresários também seriam afetados em grande medida, já que a agenda militar iria, em muitos casos, definir para onde os investimentos privados deveriam ir.

A popularidade de Hitler se fortaleceu muito com os programas de criação de empregos desse período. Ele trouxe ordem ao país. O crescimento do número de membros do Partido Nazista é algo que ilustra o aumento desse apoio. Segundo Gellately (2001: 16), a rapidez com que a população se tornou pró-Hitler sugere que a maioria abandonou qualquer esperança que poderiam ter com a democracia, sendo que com a recuperação da Grande Depressão, foi relativamente simples dar o apoio a uma ditadura autoritária.

Alguns plebiscitos populares de 1933 e 1934 confirmaram o apoio da população a Hitler. Em outubro de 1933, Hitler retirou a Alemanha da Liga das Nações (Gellately, 2001: 15), sendo que um plebiscito posterior mostrou que 95% da população apoiava a atitude (Ibid). Nas eleições de novembro desse ano, Hitler e o Partido Nazista receberam cerca de 40 milhões de votos, 92% do total (Ibid). Muitos desses plebiscitos tinham o resultado manipulado, mas sem sombra de dúvida, a grande maioria das pessoas era a favor das medidas tomadas pelo partido nazista (Ibid).

Em agosto de 1934, após a morte do Presidente Hindenburg, houve novo plebiscito para se decidir se o cargo de líder do Estado (cargo que pertencia a Hindenburg) deveria ser unido ao de líder do governo (cargo de Hitler). Novamente, cerca de 90% apoiou Hitler (Gellately, 2001: 15). Em menos de dois anos, o regime nazista já havia se solidificado na Alemanha e acabado com qualquer tentativa de oposição organizada dentro do país, com a extinção de todos os partidos políticos, restando apenas o hegemônico Partido Nazista.

Com a rápida queda do desemprego e o crescimento da produção industrial e a consolidação do regime nazista no cenário político alemão, os principais líderes nazistas desejavam um aumento da produção militar. Acreditavam que haviam sido criadas as condições que permitiam um maior nível de rearmamento. Em meados de 1935, Hitler já não tinha as travas dos anos anteriores que impediam o rápido rearmamento, como o receio de uma intervenção externa ou a fraqueza da economia nacional. Nesse ano, então, a política econômica foi mais claramente alterada de modo a se adequar às necessidades da produção para a guerra. Von Blomberg e Schacht buscaram maneiras de garantir que o escopo do rearmamento não afetasse a estabilidade econômica ainda frágil após a recessão, ao mesmo tempo em que permitissem o rápido crescimento do poder militar (Overy, 1994: 182).

Dentro das Forças Armadas também havia divergências, mas eram em relação às diferentes medidas possíveis *dentro* do plano mais amplo. Enquanto alguns desejavam um rearmamento mais brando, para que não penalizasse de maneira forte a população, a maioria julgava os números planejados para o crescimento militar insuficientes e desejavam planos maiores (Overy, 1994: 183).

Em 1936, portanto, enquanto a maior parte das Forças Armadas e Hitler já queriam aumentar os programas militares e se envolverem cada vez mais na vida e nas organizações políticas, para que pudessem controlar o rearmamento, Schacht acreditava que os programas deveriam diminuir a velocidade (Overy, 1994: 184). Na opinião do ministro da economia, os planos de rearmamento iriam utilizar recursos que a Alemanha ainda não estava pronta para fornecer, o que imporá sacrifícios à população e chegaria ao seu limite dentro de poucos anos, trazendo uma nova crise econômica. Contudo, era impossível para as Forças Armadas aceitarem um menor rearmamento.

Assim, Schacht e von Blomberg romperam sua aliança. A necessidade de se haver uma economia estável e um maior rearmamento, fez com que o Partido passasse a controlar mais de perto esses dois pontos. Hitler não queria arriscar suas estratégias políticas e de rearmamento colocando-as sob responsabilidade de economistas e militares críticos às políticas nazistas (Overy, 1994: 185).

Apesar de uma pequena parte dos militares defenderem medidas mais brandas de rearmamento, pode-se dizer que, em geral, havia uma grande identidade de interesses entre Hitler e os militares, desejando que o desenvolvimento econômico fosse direcionado para necessidades militares, não apenas em relação à produção de armamentos, mas em todos os setores econômicos. Então, para isso, Hitler teria que colocar na liderança dos projetos alguém que estivesse tão comprometido com esses princípios quanto ele. O nome escolhido foi o de Hermann Goring, um líder da Força Aérea e um de seus principais assessores. Em 1937, então, Goring passou a ter a função de coordenar tanto a economia quanto a preparação das Forças Armadas para a guerra (Overy, 1994: 185).⁷

⁷ Na última parte do Capítulo 2, desenvolvemos a ideia da reorientação da economia para possibilitar maiores planos militares a partir de 1936, sob o comando de Hermann Goring.

A partir de então, a economia passou a ficar cada vez mais nas mãos do governo, assim como os programas militares. Apesar dos efeitos dos planos militares serem objeto de desejo dos líderes das Forças Armadas, eles apenas se ressentiam em perder cada vez mais o controle do rearmamento, que estava cada vez mais nas mãos do Partido (Overy, 1994: 187). Contudo, a posição de Hitler como líder nesse momento já era sólida e praticamente não havia oposição pública a ele. Com Goring comandando a economia, a Alemanha recrudescera sua preparação para guerra em grande medida, o que aumentou a produção militar e das indústrias relacionadas à guerra, mas por outro lado, acabou por penalizar outros setores.

Com o recrudescimento dos planos de rearmamento, Hitler esperava que as Forças Armadas estivessem prontas para a guerra em quatro anos. Nesse período, a economia também deveria estar preparada para se voltar para os esforços de guerra, fornecendo o que fosse necessário para que o conflito pudesse ser travado (Evans, 2006: 239-240). No capítulo seguinte, vamos analisar mais profundamente como os nazistas tentaram adequar a economia aos seus planos de guerra, sempre agindo de acordo com a visão instrumental que tinham da economia.

Assim, apesar de já ter um forte poder militar, a Alemanha ainda não estava pronta para um conflito de dimensões continentais em 1939. O grau de preparo militar e econômico que o país se encontrava quando invadiu a Polônia em setembro de 1939 ainda não era considerado como suficiente pelos militares para sustentar um conflito contra as grandes potências (Deist et al., 1990). Hitler acreditava que a tomada dos territórios poloneses não passaria de um conflito local. Contudo, os desdobramentos internacionais dessa invasão acabaram por jogar a Europa e o mundo na maior guerra do século XX. O país sofreu dificuldades para produzir os armamentos que seriam necessários nos anos seguintes, numa guerra de tão alta escala como foi a Segunda Guerra Mundial. Porém, àquela altura Hitler já estava no poder político absoluto do país, tendo o apoio das Forças Armadas e contando com um apoio em massa e acima das expectativas da maior parte da sociedade alemã, com as pessoas dispostas a morrer pela nação e pela raça ariana.

Capítulo 2 – Elites empresariais da indústria e dos serviços

2.1 – O descontentamento da indústria com a República de Weimar e a aproximação ao Nazismo

“A relação entre a indústria e o Estado nazista não se manteve constante ao longo da década de 1930; a ligação entre os dois mudou de caráter conforme o movimento nazista consolidava sua posição e conforme as políticas externas e as ambições militares do Hitler passaram a ditar a forma geral das políticas públicas alemãs.”⁸ (Overy, 1994: 11-12).

Num primeiro momento, os nazistas tomaram medidas buscando o apoio de um número cada vez maior de empresários, sempre sabendo a importância dessa classe para que seus projetos de rearmamento pudessem ser executados. Na segunda metade da década, os nazistas já haviam consolidado de maneira segura seu poder e influência em, praticamente, todos os âmbitos do controle do país e, assim, puderam impor de maneira dura suas vontades sobre a classe empresarial.

Contudo, a indústria e os empresários alemães não formavam um bloco único, com uma voz política em comum, ou mesmo interesses econômicos em comum. Daí vem a dificuldade ao se analisar o papel da indústria no início da ascensão de Hitler e no decorrer dos anos de preparação para guerra. De qualquer maneira, considerando-se o início dos anos 30, a situação em geral era grave e desfavorável para todos, já que o país e todo o mundo se encontravam em uma grande recessão. Na Alemanha, a crise do capitalismo se traduziu numa forte crise de confiança com o Estado democrático e o governo parlamentar (Deist, 1990: 160).

Assim como a classe média, os industriais alemães também começaram a perder a confiança no Estado democrático após 1930. Esse grupo, na realidade, nunca havia sido grande apoiador da República de Weimar, mas, quando esse sistema conseguiu atingir a estabilidade econômica após 1925, ele encontrou maneiras de buscar seus interesses econômicos e políticos dentro do sistema. Agora, no contexto da depressão mundial, os industriais viam esses interesses sucumbindo junto com o mercado internacional.

Para entendermos melhor como a recessão mundial afetou a indústria da Alemanha e as consequências disso, precisamos nos situar na situação da economia do país nos anos de crise.

⁸ Tradução livre feita pelo autor.

Segundo Deist (1990: 160), nesse período, o comércio e a indústria alemães eram fortemente dependentes das exportações, assim como os empregos relacionados a eles. Em contrapartida, o país necessitava das importações de alimentos e de commodities, que eram pagos com as divisas obtidas de suas exportações. No período em que o comércio internacional estava funcionando, a crescente produção alemã estava conseguindo equilibrar as necessidades de importação, porém, com a depressão, essa situação mudou. A queda do volume de comércio internacional provocou uma redução das exportações, trazendo desemprego. Isso resultou numa diminuição do poder de compra e na queda da demanda interna, o que, por sua vez, tornou intensificou o desemprego (Deist, 1990: 159-161).

Seguindo a ideia de Deist (1990: 161), o governo em vigor, contudo, não adotou medidas anticíclicas, pelo contrário, buscou equilibrar as contas públicas cortando gastos do governo, mesmo com o desemprego crescendo rapidamente. Ao mesmo tempo, ao invés de compensar a queda das exportações com o estímulo a demanda interna, realizou políticas restritivas, como a redução dos salários. Como consequência da restrição das finanças públicas, havia a queda da demanda e o agravamento da crise. Os governantes não conseguiam achar soluções que tirassem o país desse círculo vicioso. Prendiam-se ao pensamento econômico tradicional e buscavam reestabelecer a viabilidade do livre mercado, o modelo econômico que se tornou altamente questionável com a crise mundial. Estavam, assim, ingenuamente, preparando o terreno para as políticas econômicas do Nacional Socialismo (Deist, 1990: 161).

A teoria nazista da autarquia foi, então, desenvolvida como uma alternativa ao princípio do livre mercado, ao mesmo tempo em que ganhava voz uma abordagem econômica voltada mais para o mercado nacional do que para o internacional, em que o ideal da divisão internacional do trabalho dava lugar a extensão do mercado nacional (Deist et al., 1990).

Entrando no âmbito das ideias nazistas e sua formulação, pode-se dizer que, antes da depressão, os nacionais socialistas ainda não tinham um programa econômico claramente definido. Então, buscaram, nesse momento, formular uma teoria econômica mais detalhada, para que pudessem oferecer uma alternativa séria para a economia e exaltar de maneira mais efetiva suas ideias para uma transformação revolucionária da Alemanha. Assim, a ideologia nazista de expansão do espaço vital forneceu a pedra angular que basearia toda a futura política econômica. De acordo com essa ideia, toda a política externa e econômica da Alemanha deveria ser determinada de forma a garantir o território necessário para sua população. Inicialmente, esse

pensamento tinha raízes políticas e raciais, mas, em um segundo momento, mostrou seu caráter econômico (Deist, 1990:174-178). Seguramente, a ideia de espaço vital é algo, em grande medida, subjetiva. Mas, quando relacionada com o fato de os nazistas estarem decididos a colocar a Alemanha no centro do poder na Europa, a expansão significativa dos territórios sob seu controle era essencial para que conseguissem a consolidação de suas condições econômicas. E essa questão territorial tinha total ligação com outro pilar da ideologia nazista que determinou muitos projetos industriais: como essa expansão do espaço sob o controle alemão não estava totalmente relacionada a métodos pacíficos, o rearmamento em grande escala se tornava altamente necessário.

Então, a expansão do espaço vital era a forma que enxergavam para se obter os recursos necessários para toda a sua produção, tanto industrial, quanto agrícola, que tinha grande importância na agenda nazista. A busca por novos territórios tinha, então, como motivação a obtenção de fontes de alimentos e matérias primas, assim como o fortalecimento do poder político. Consideravam esse ponto como prioridade dos interesses nacionais, sendo que essa ideia do espaço vital amplo e forte segue para a intenção de se criar um mercado nacional autossuficiente, o que sempre agradou Hitler, que criticava a dependência alemã às exportações. (Ibid).

Olhando para a agenda econômica nazista além da questão territorial, o ponto mais urgente era criação de empregos. O país se encontrava em recessão, com o desemprego aumentando a cada dia e, para isso, pensou-se num plano de criação de empregos financiado pelo governo, através de gastos públicos. Buscariam medidas do Estado que estimulariam a economia doméstica e reergueria o mercado interno (Deist, 1990:174-178). Formulou-se um plano para o desenvolvimento da indústria nacional, e consequente criação de empregos, mediante o fortalecimento do mercado interno, com uma política análoga à substituição de importações. Em 1931, entre 1,5 e 1,7 milhões de trabalhadores eram empregados em atividades diretas ou relacionadas com as exportações alemãs (Deist, 1990: 178). Se as exportações se reduzissem, tanto por redução da demanda internacional, quanto pela política nazista, a entrada de divisas também cairia, o que corresponderia a uma queda das importações. Havia a ideia de se controlar e orientar a redução das importações, direcionando a criação de novos postos de trabalho para a produção de determinados bens que haviam deixado de ser obtidos através do comércio internacional. Nesse sentido, a formação da autarquia econômica implicava em planejamento estatal, tanto para

o mercado interno, quanto para o comércio internacional. Ao final, essa mudança de política nas trocas internacionais significava que o volume exportado deveria ser apenas o necessário para que se possibilitasse as importações do que era indispensável, como algumas matérias primas, alguns alimentos e commodities, que não eram produzidos na Alemanha ou até eram, mas em quantidades insuficientes (Deist, 1990: 174-178).

Assim, num primeiro momento, se os líderes empresariais tiveram participação no fortalecimento do Nazismo, foi em um sentido de desilusão com o sistema parlamentarista. A promessa de Hitler de lutar vigorosamente contra o comunismo também exercia forte atração sobre os industriais, já que os problemas sociais vistos na Alemanha criavam um ambiente propício para o fortalecimento de movimentos marxistas. O empresário Fritz Thyssen, diretor da empresa de aço que levava o nome de sua família, foi um caso emblemático, em que dava forte apoio aos nazistas mesmo antes de 1933, muito preocupado com o perigo do avanço comunista (Evans, 2006: 248).

Contudo, a ideologia nazista ainda era motivo de receio para a maior parte dos empresários, já que ela tinha como um dos seus pontos fundamentais o forte controle estatal sobre praticamente todos os âmbitos da vida política e econômica do país. Essa classe temia assim perder suas liberdades econômicas. Gustav Krupp era um importante empresário que se opunha a algumas ideias nazistas antes de 1933. Diretor da Krupp A.G., uma das maiores empresas do mundo no período, que se destacava na produção de aço, armas, munições, equipamentos, também era o líder da *“Reich Association of German Industry”*, a organização nacional dos industriais. Krupp, ao mesmo tempo em que defendia um Estado forte que fosse capaz de desarticular os sindicatos, diminuir os gastos sociais e gerar a estabilidade econômica necessária para a recuperação da economia, recriminava a ideia da autarquia. (Evans, 2006: 249).

Mas, para que os planos nazistas de reconstrução econômica pudessem ser realizados, a participação e o apoio dos líderes da indústria eram essenciais. O fortalecimento da indústria no mercado nacional ia ao encontro da vontade da classe empresarial no momento, que se encontrava em crise com a queda da demanda internacional, mas era evidente o modo como os nazistas colocavam os interesses privados em segundo plano, em favorecimento dos interesses do Estado, enxergando a indústria como um meio de se obter os meios necessários para o

desenvolvimento da força da nação. Esse papel instrumental da economia era evidenciado com um pensamento comum aos nazistas: "o exército vem antes que a economia"⁹(Deist, 1990: 176).

A cooperação da indústria e dos empresários era vital, então, para os planos nazistas. Dessa maneira, mesmo antes de ser empossado como chanceler, Hitler fez discursos para associações industriais, se reuniu com líderes e fez uma série de esforços buscando conseguir o apoio da classe industrial do país. Em 1932-33 discursou para líderes industriais em que argumentou que a ordem atual do país era incompatível com a empresa privada. Esse apoio já seria importante para que Hitler e o partido chegassem de fato ao poder político alemão em um primeiro momento e, posteriormente, para que possibilitasse a execução dos projetos nazistas.

Logo após ser nomeado pelo presidente Hindenburg como chanceler alemão, em fevereiro de 1933, Hitler fez um discurso aos líderes industriais do país, em que buscava trazê-los para a causa nazista. Segue um trecho do discurso do Hitler aos líderes industriais, proferido em 20 de fevereiro de 1933:

“A empresa privada não pode ser mantida em épocas de democracia; ela é apenas concebível se as pessoas tiverem uma forte ideia de autoridade e personalidade. Tudo positivo, bom e valioso que foi atingido no mundo em termos econômicos e culturais é unicamente atribuído à importância da personalidade. Quando, contudo, a defesa da ordem vigente, da sua administração política é deixada para a maioria, irremediavelmente ela piora. Todos os bens que possuímos no mundo devemos aos esforços de alguns poucos. (...)

(...) É uma impossibilidade dentro da sociedade que uma parte reconheça a propriedade privada, enquanto outra parte a nega. (...) Duas ideologias não podem viver lado a lado. (...) As condições de conflito permanecem até que uma parte emerja vitoriosa ou que o Estado se dissolva, fazendo com que essa sociedade perca seu lugar na história. Nós vivemos num desses períodos, em que devemos decidir se queremos adotar uma forma de vida que apoia o Estado ou ter o comunismo. (...) Muitos dizem que o comunismo é a última etapa da humanidade. Eu acredito justamente no contrário; é o início do desenvolvimento humano. Ele representa a mais primitiva forma de vida humana. Quanto mais parecidas se tornam tarefas e realizações das pessoas, no comunismo se tornam mais e mais homogêneos. (...) Com o princípio comunista, não é por chance que uma pessoa consegue mais que a outra. O princípio da propriedade privada está eliminado assim.

O caminho que temos que tomar é claro. Contudo, nunca é suficiente dizê-lo: nós não queremos comunismo na nossa economia. Se continuarmos no nosso velho caminho político, vamos perecer. Já temos

⁹ Tradução livre do autor. No original "the army before the economics" (Deist, 1990: 176).

experiência do passado de que economia e política não podem ser separadas.

(...) Por 40 anos, presenciamos um contínuo fortalecimento da social democracia. (...) eu venho assistindo o seu fortalecimento cada vez mais preocupado e disse a mim mesmo que temos que tomar uma decisão. Tentei várias vezes alertar dos perigos que ameaçavam o povo alemão. (...) Foi essa percepção que me levou a fundar um novo movimento nacionalista, que depois de 14 anos de batalhas, se tornou a força de liderança na Alemanha. Não podemos esquecer que quase todos os benefícios culturais devem ser introduzidos, em certa medida, com mão de ferro (...). Para isso, coragem, forte determinação e perseverança são essenciais.

(...) Nós temos que ganhar poder completo para conseguir acabar com o outro lado completamente. (...) Existem apenas duas possibilidades: ou destruimos o oponente de maneira constitucional, ou a batalha será conduzida com outras armas, o que pode gerar maiores sacrifícios. Eu gostaria que eles fossem evitados. Eu espero que o povo alemão reconheça, assim, a importância desse momento. Ele deve decidir pelos próximos 10 ou 100 anos. Será um ano de mudança para a Alemanha, ao qual estou me colocando com muita energia.”¹⁰ (Stackelberg, Winkle, 2002: 130-132).

De acordo com o pensamento de Hitler, se a administração política é responsabilidade da maioria, o poder e a influência dos empresários dentro da sociedade se enfraquecem. Discursou que o liberalismo trazia a democracia, e a democracia, por sua vez, levava ao comunismo, o que poderia ser evitado com as forças coercivas que os nazistas estavam dispostos a utilizar. Nesse ponto, acabou conseguindo o apoio de muitos empresários, que contribuíram, inclusive, financiando o partido (Stackelberg, Winkle, 2002: 129).

2.2 – A recuperação econômica do período 1933-36

Com todos os receios da classe empresária, não é surpresa que a maioria dos integrantes dessa classe passasse a apoiar o nazismo apenas após Hitler assumir como chanceler em 1933 (Evans, 2006: 248). Os líderes do Partido Nazista buscavam garantir a cooperação dos empresários, que consideravam essencial para que tanto os planos de recuperação econômica, quanto os de criação de empregos em 1933 fossem executados e num segundo momento, para que a reorientação da economia para a produção de guerra pudesse ser realizada. Assim, em 1933, Hitler escolheu um importante homem de negócios para o Ministério da Economia. Kurt

¹⁰ Tradução livre feita pelo autor.

Schmitt, diretor geral da Allianz Insurance Company, umas das maiores empresas do período. Schmitt havia se destacado pelo rápido crescimento que teve dentro da empresa, e já fazia parte do “*Economic Advisory Council*” de chanceleres durante a República de Weimar, tendo recusado convites anteriores para se tornar Ministro da Economia. Como muitos empresários, Schmitt estava insatisfeito com as condições econômicas e sociais em que as empresas privadas tinham que trabalhar durante os anos da República de Weimar (Evans, 2006: 236).

Hitler conseguiu levar Schmitt para a causa nazista, principalmente, com a promessa de derrotar a ameaça comunista e de acabar com as insignificantes e prejudiciais disputas partidárias no país. Schmitt se afiliou ao Partido no início de 1933 e compartilhava das ideias raciais nazistas, considerando a presença judaica muito enraizada na vida pública, o que era sempre algo desagradável e prejudicial. Os líderes nazistas consideraram que seria político colocar uma liderança empresarial como novo Ministro da Economia e Schmitt assumiu o cargo em 30 de junho de 1933 (Evans, 2006: 237).

Schmitt funcionou para aproximar o Partido Nazista aos empresários alemães e, muitas das medidas econômicas de combate à crise foram colocadas em prática e já estavam surtindo efeitos positivos. Enquanto o partido buscava garantir sua influência sobre o desenvolvimento da economia, muito através da participação em associações industriais, a indústria decidiu, voluntariamente, seguir os caminhos do partido, com o objetivo de manter sua independência institucional, ainda que aceitando certa intervenção do Estado. Tanto que, logo após a vitória dos nazistas nas eleições de março de 1933, Gustav Krupp, presidente da “Reich Association of German Industry”, declarou

“(...) a indústria é um importante e indispensável fator para a construção de uma nação e que estava, portanto, disposta a cooperar nesse projeto” (Deist, 1990: 206).

Nesse ano, muitos empresários fizeram alianças informais com as forças armadas e com o partido, buscando reassumir suas posições na política alemã, para garantir uma solução nacional-conservadora para a crise. Hitler, querendo uma rápida recuperação econômica, deu aos empresários considerável liberdade de ação num primeiro momento (Deist, 1990: 206).

Gradativamente, contudo, o Estado buscava se infiltrar nas associações. Buscou-se transformar algumas associações que eram baseadas em contratos com princípios privados, em organizações estatais ou semi estatais, a fim de implementar as intenções do partido quanto a

reorganização corporativa. Ou seja, tentavam reestruturar a organização industrial para que o setor pudesse satisfazer os desejos do partido. Ao mesmo tempo, a indústria procurava maneiras de garantir sua independência e seus interesses. Os líderes do partido, assim como Hitler, consideravam as organizações industriais independentes inadequadas às intenções de se controlar a economia, tendo em vista o objetivo do rearmamento. Pensavam que a independência dessas organizações, que buscavam, em última instância, lucros privados, poderia prejudicar o projeto militar. Hitler, assim, afirmava que a experiência prática não poderia ser negligenciada em favor de certas ideias e interesses individuais, se referindo à crise mundial de 1929, e justificando o plano nazista de formação de uma autarquia (Deist, 1990: 208).

A classe empresária ainda encontrava maneiras de pressionar e evitar um total controle por parte do partido. Um acordo foi feito com essa classe, em que a agricultura seria atribuída ao partido nazista, enquanto as questões relativas aos ministros das finanças e da economia estariam abertas à influência dos empresários. Hitler preferia esse acordo à ameaça que as corporações livres significavam a política econômica (Ibid). Mas, como nos mostra Deist, em certos momentos e questões, houve congruência de interesses entre o regime e a classe industrial:

Ao final das contas, havia um entendimento entre Hitler e os líderes da indústria sobre a importância do rearmamento e da preparação de guerra para a economia, tendo em vista o desejo de se constituir uma esfera econômica e de comércio na Europa que fosse fechada e controlada pela Alemanha e, conseqüentemente, a reorientação e restauração da indústria, que havia sido fortemente abalada pela perda de seus mercados externos na recessão mundial (Deist, 1990: 208).

Schmitt, o Ministro da Economia, contudo, se mostrou uma liderança fraca e não conseguia fazer sua vontade prevalecer sobre a de outros nomes importantes dentro do Partido. O mais significativo no seu caso, porém, era sua posição contrária aos gastos com rearmamento, que ele considerava improdutivo, e também os gastos com a construção de rodovias, que ele considerava sem grande importância. Era contrário também aos grandes gastos com as campanhas de propaganda do regime, que bradavam a toda hora a recuperação econômica, por exemplo (Ibid). Rapidamente, ficou claro que seria incompatível para o regime manter um Ministro da Economia com os pensamentos e posições que Schmitt possuía.

O próprio Schmitt, então, passou a se considerar um fracasso no âmbito político e foi substituído em meados de 1934 por Hjalmar Schacht como Ministro da Economia. Schacht, um banqueiro de sucesso, já havia sido presidente do Reichsbank, o banco central alemão, durante a

República de Weimar. Responsável por solucionar a hiperinflação de 1923, era um dos nomes mais fortes na economia alemã. O novo ministro tinha apoio de grande parte dos empresários e do exército. Seria um conservador nas políticas domésticas e externas, favorecendo o rearmamento dentro de limites razoáveis, defenderia o retorno de colônias alemãs, vendo a necessidade de um temporário controle do governo sobre o comércio e o mercado de capitais, mas ao mesmo tempo comprometido com o princípio do lucro privado (Overy, 1994: 94). Ao mesmo tempo em que apoiava certa orientação estatal sobre a economia, não podia negar suas raízes liberais.

Schacht já havia deixado claro a Hitler que considerava o rearmamento uma prioridade da situação econômica. Assim, lhe foram concedidos amplos poderes para que fizesse uma reforma na organização do Ministério e, conseqüentemente, da indústria. Tirou de seus cargos figuras que tinham ideias anticapitalistas muito diferentes e pessoas que o exército queixou que estavam tentando impor suas ideias a administração da economia. Criou classificações para todas as empresas (como em indústria, bancos, comércio, etc), e posteriormente em subgrupos regionais, o que permitiu ao Ministério exercer uma melhor liderança sobre as empresas já estabelecidas no sentido de políticas de rearmamento (Evans, 2006: 237).

Nesse período, a indústria e o comércio já funcionavam, em boa medida, de acordo com a estratégia nazista. Schacht, contudo, aplicou seus amplos poderes de controle sobre a economia apenas em algumas áreas. Chegou até mesmo a tentar rescindir a participação compulsória do Estado em corporações comerciais e da indústria, mas esbarrou na oposição dos militares, que consideravam essa participação como uma garantia de se fazer valer a mobilização da indústria em direção ao rearmamento. Em contrapartida, Schacht possibilitou uma relativa liberdade de ação aos empresários. Sob o seu comando, contudo, as grandes firmas se fortaleceram, a cartelização foi estendida, já que a formação de cartéis em áreas específicas, normalmente relacionadas à produção de guerra, facilitava o controle e monitoramento estatal sobre esses setores, enquanto pequenas empresas perdiam espaço; a produção e lucros aumentaram com o estímulo da demanda induzida pelo Estado. Por exemplo, o lucro das firmas líderes de aço aumentou de 32,6 milhões de Reichsmark em 1933/34 para 65,3 milhões de Reichsmark dois anos depois (Overy, 1994: 95).

No sentido da congruência entre autarquia e liberalismo existente na figura do Schacht, o ministro da economia determinava a direção e os objetivos da produção, interferia de modo

crescente no processo de distribuição (matéria prima, divisas externas) e criou-se um departamento no seu ministério para garantir a realização dos princípios da política econômica nazista nas organizações. Apesar disso, foi permitido que as organizações pudessem escolher seus líderes, mesmo que necessitasse da aprovação do ministro. Na prática, isso significava que eles conseguiam representar seus interesses e preocupações frente a outros setores e mesmo ao Estado (Deist, 1990: 212-214).

Assim, Schacht reformulou a relação entre o Estado e a indústria, baseando-se na identidade de interesses entre eles, considerando um objetivo econômico e político em comum, que era a criação de uma esfera econômica de larga escala e na expansão do espaço vital.

Evans (2006: 238) analisa alguns efeitos indesejados trazidos pelo boom das empresas de armamentos. Com o aumento da produção industrial doméstica, o governo e o exército provocaram uma mudança da direção exportadora, especialmente de bens de consumo, da indústria alemã. Ao mesmo tempo, aumentou-se significativamente a importação de produtos, especialmente matérias primas, como petróleo e algodão. A importação de matérias primas aumentou 32% entre meados de 1932 e o começo de 1934. O balanço de pagamentos da Alemanha, assim, passou a ser deficitário, sendo piorado por dois pontos: sanções comerciais britânicas e dos Estados Unidos contra o regime de perseguição aos judeus e a deflação do dólar dos Estados Unidos e da Libra da Inglaterra, enquanto o Reichsmark alemão se mantinha no mesmo nível, com as autoridades do país sempre receosas quanto ao perigo da inflação. Com isso, apenas de janeiro a setembro de 1934, as reservas externas e de ouro da Alemanha caíram pela metade. Assim, em junho de 1934, a Alemanha suspendeu o pagamento de suas dívidas externas de médio e longo prazo (Evans, 2006: 238).

Para conter esses problemas, em setembro de 1934, Schacht anunciou o “New Plan”, que mudaria as relações comerciais alemãs. Agora, importações apenas seriam permitidas de países que, por sua vez, recebiam significativas exportações da Alemanha. Anunciou que a implementação do programa de rearmamento era a principal tarefa da política alemã. Para poderem pagar pelo programa, as importações seriam restritas a matéria prima para a indústria de armamentos e suas relacionadas e para alimentos que não eram produzidos em solo alemão. As matérias primas da produção alemã vinham de diversos lugares do mundo e o New Plan agiu para que se reduzisse a dependência da Alemanha por essas fontes (Ibid).

Obviamente, os princípios trazidos por Schacht de maior liberdade econômica e de ação às empresas eram conflitantes com o intervencionismo do governo. Contudo, essa permissão fazia parte da estratégia econômica nazista, já que o Estado teria dificuldades muito grandes para encontrar recursos capazes de aumentar a capacidade de produção do país por si só. Uma indústria de armamento nacionalizada se expandiria em velocidade significativamente menor do que a privada. Assim, o Estado se limitou a estabelecer os objetivos da indústria de armamento nesse momento, assim como a distribuição de materiais, commodities e matérias primas dentro de uma economia ainda governada pela competitividade. Isso significava também que a indústria, em busca do lucro, tentaria corrigir possíveis erros de planejamento que fossem percebidos (Deist, 1990: 212-214).

Dessa maneira, os nazistas não desejavam a nacionalização da indústria de armamento em si, mas que grande parte da indústria tivesse a capacidade de, rapidamente, substituir sua produção para bens militares. Schacht considerava os métodos de produção e técnicas existentes oriundas do liberalismo como pré-requisitos para uma política de rearmamento e preparação de guerra eficientes. Armas e equipamentos de qualidade só poderiam ser produzidos recorrendo-se a uma economia capitalista. Nesse sentido, a orientação da política econômica, prevendo a primazia do rearmamento, era aceita e implementada, de modo que o sistema capitalista privado pudesse ser mantido. A grande indústria recebeu favores particulares, investimentos e apoio nesse período, o que fez o número de empresas subir. Em certa medida, o nazismo impulsionou as empresas capitalistas alemãs, mas o fez de uma maneira que atendesse aos seus projetos de rearmamento e preparação de guerra. A produção capitalista não deixou de existir, mas passou a ser direcionada pelo regime (Deist, 1990: 212-214).

Gustav Krupp, líder da maior empresa de armamentos da Alemanha, se opunha às ideias de autarquia. Contudo, nos primeiros anos do regime, não se pode dizer que ele estava insatisfeito com o regime. A presença de nomes como o de Schacht, que defendia uma política econômica que lhe agradava e a recuperação econômica, que contribuiu com que os lucros de sua empresa aumentassem significativamente nos primeiros três anos do regime eram fatores que o acalmavam quanto às políticas nazistas (Evans, 2006: 250).

Nos anos seguintes a 1934, a situação econômica na Alemanha melhorou significativamente, com o desemprego diminuindo, inflação controlada, mercado de capitais reconstruído, mercado interno fortalecido e produção crescente em diversos setores. O governo

assumiu importante papel na iniciação de novos investimentos e provendo subsídios e concessões tributárias para estimular a volta dos investimentos privados. O sucesso da política econômica com planejamento estatal no início do governo nazista permitiu um rápido aumento de seu poder (Overy, 1994).

Nesse contexto de estímulo dos investimentos, podemos ver o caso da indústria automobilística, em que o governo fez grande esforço para estimular o setor e a criação e reparo de estradas, o que fez com que a indústria apresentasse um rápido desenvolvimento, trazendo consigo uma gama de atividades auxiliares. Overy nos mostra que, enquanto nos anos 20 houve um baixo crescimento do tráfico de veículos motorizados, os anos 30 foi um período de “catching up”, estimulado por preços mais baixos de carros, concessões tributárias e a recuperação da renda da classe média. Isso também refletiu a tendência à modernização técnica nas economias industriais, algo que Hitler queria promover como propaganda do regime, provando a proficiência técnica alemã. A motorização era um setor de vanguarda e de possibilidade de grandes exportações, sendo apenas um dos setores que o nazismo buscava modernizar. Além disso, certamente, o desenvolvimento da indústria de motores e a criação de estradas tinha certo papel estratégico militar (Overy, 1994: 6).

Mesmo nesse período de recuperação econômica, contudo, houve atritos. Não eram todos os setores que apoiavam o nazismo e seus projetos. Algumas indústrias de consumo, por exemplo, viram sua recuperação e o crescimento de sua demanda ser mais lenta do que o de indústrias pesadas. Além disso, a partir de 1935/36, com o aumento dos gastos militares, houve grande competição entre as prioridades de rearmamento e as civis. Os empresários estavam divididos também, já que havia empresas que necessitavam dos investimentos militares para crescerem e os que preferiram se manter com menores relações com o rearmamento. Muitos empresários importantes do país chegaram a aconselhar menores gastos bélicos a Hitler e sua equipe econômica (Overy, 1994: 14).

Apesar das tentativas de Schacht de implementar e fortalecer as políticas de armamento alemãs, ainda haviam queixas contra ele. O Exército reclamava que Schacht não havia sido capaz de tornar a economia pronta para os esforços de guerra. As restrições às importações, por exemplo, haviam exaurido as reservas de matérias primas, enquanto as tentativas de encontrar substitutos ainda tinham pequenos sucessos pontuais (Evans, 2006: 238).

2.3 – A reorientação da economia a partir de 1936

Já em 1936, começou a crescer a ideia de Hitler e dos integrantes do Partido de que se deveria encrudescer a intervenção na economia e que Schacht não seria a pessoa para realizar tal tarefa, já que considerava que a economia se encontrava nos seus limites da sua capacidade de sustentar o rearmamento e a mobilização de guerra.

Nesse momento, a figura de Hermann Goring começou a crescer no cenário político e econômico alemão. Goring era um militar membro do Partido Nazista desde seu início e um dos principais comandantes de Hitler, sendo em um momento nomeado pelo Fuhrer como seu sucessor. Em 1936, Hitler e Goering já falavam da falência do “New Plan” de Schacht e discursavam sobre a ameaça que o Bolshevismo soviético estava se tornando, cuja vitória poderia significar a “*aniquilação do povo alemão*” (Evans, 2006: 239). Assim, se preparar para a guerra era prioridade e tornava necessário uma força armada pronta para guerra dentro de quatro anos. Assim como a economia, que também deveria estar pronta para conflitos em quatro anos (Evans, 2006: 238-240). Para atingir esses objetivos, era necessário aumentar a autossuficiência alemã, controlar o comércio, a moeda e o mercado de capitais ainda mais de perto, ao mesmo tempo em se deveria investir em rearmamento e indústrias essenciais à guerra em detrimento de consumo e comércio internacional (Overy, 1994: 95-96).

Hitler acreditava que a Alemanha estava superpovoada e não tinha como obter recursos próprios para se manter, o que tornava necessário a expansão do espaço-vital alemão, que proveria alimentos e matérias primas. Para isso, toda a nação e seus cidadãos precisavam se mobilizar e se preparar para a guerra: a produção de combustíveis, ferro, borracha sintética e diversos outros produtos estratégicos em níveis que se poderia sustentar a guerra; alimentos deveriam ser economizados, as pessoas teriam que fazer sacrifícios, os interesses do capital teriam que estar subordinados aos da nação, sendo que empresários que mantivessem capital no exterior deveriam ser punidos, até mesmo com a morte (Evans, 2006: 240).

Goering passou a defender uma ideia contrária ao que dizia Schacht. Enquanto este acreditava que os programas de rearmamento deveriam se tornarem mais brandos para que os problemas econômicos não se intensificassem e pudessem ser solucionados, Goering acreditava que o rearmamento deveria se intensificar. Considerava o conflito com a União Soviética inevitável e o controle sobre a economia deveria ser maior por parte do regime. Assim como Hitler, que queria resolver a limitação de recursos para o rearmamento não pela diminuição da

velocidade dos programas, mas pela aceleração da conquista de espaço vital (Evans, 2006: 240-241).

Então, em 1936 houve uma significativa mudança na política econômica do país. Hitler tinha sua recuperação econômica, ainda frágil, mas já existente. Dentro do partido, eram cada vez mais altas as vozes contrárias à liberdade das empresas e ao egoísmo de se buscar benefícios individuais em detrimento dos interesses da nação. Ao longo do ano, Hitler determinou que a economia se voltasse para seus objetivos principais, ou seja, a preparação militar e a expansão dos limites territoriais formais do país. Schacht foi contra as mudanças, inclusive ameaçando minar muito do que havia conseguido desde 1934. Porém, sua resistência foi enfraquecida pelo fato de as forças armadas estarem esperando obter vantagens com a reorientação de políticas e que pudessem controlar eles mesmos a economia; alguns setores da indústria eram mais receptivos a esse recrudescimento do controle estatal, enquanto outros setores, as indústrias de consumo por exemplo, desejavam o fortalecimento do comércio. Para resolver esses conflitos e garantir a primazia dos interesses nazistas, Hitler levou cada vez mais a economia para o controle do partido (Overy, 1994: 95-96).

O principal instrumento para atingir esse controle e promover os interesses do regime foi o Plano Quadrienal (Four Year Plan), uma série de projetos formulados pelo Goring que mostravam deliberadamente que a economia serviria a fins políticos (Overy, 1994: 95-96). Goring, então, criou uma nova organização que tinha o objetivo de preparar o país para a guerra, com seis departamentos que controlariam a produção e distribuição de matéria prima, da força de trabalho, os preços, o comércio exterior e a agricultura (Evans, 2006: 240).

Hitler respeitava Schacht, mas não confiava que ele se empenharia na empreitada que desejava. Por outro lado, podia confiar que Goring levaria a economia a se alinhar com as políticas externas e militares do partido. De fato, ao longo de 1936 e 1937, Goring assumiu a responsabilidade de pontos antes controlados por Schacht e do exército e colocou sob controle nazista (Overy, 1994: 95-96). Schacht perdia, assim, grande parte de seu poder, o que o deixava descontente. Acreditava que o rápido rearmamento e expansão da produção de matérias primas estavam acontecendo em uma base financeira inadequada. Com essa posição, ficava inviável que Schacht se mantivesse como Ministro da Economia, deixando o cargo em novembro de 1937. Goering passou de fato a ter a tarefa de administrar a economia, sendo sua função retirar as travas

dos planos de rearmamento, sejam quais fossem suas implicações econômicas (Evans, 2006: 241).

Para os empresários alemães, a reorientação da economia e a mudança do poder político tiveram importantes implicações. A principal ameaça se encontrava na derrubada das políticas econômicas do Schacht, já que a autossuficiência impediria o fortalecimento do comércio, ao mesmo tempo em que altos graus de rearmamento e investimento estatal pesado ameaçariam a estabilidade financeira e enfraqueceria o capital privado. Subsídios de exportação baseados em prioridades estratégicas beneficiaram produtores ineficientes, em detrimento do eficiente. Em geral, os empresários e industriais recriminavam a grande dependência de ordens e a crescente burocracia econômica que o controle estatal trouxe consigo. O plano também levou o Estado à esfera direta da produção, que se estabeleceu em indústrias estratégicas, como a de ferro, aviação, alumínio, química e de armamento (Overy, 1994: 95-96).

O Four Year Plan, então, marcou um aumento significativo da intervenção do Estado na economia, com as prioridades sendo definidas pelo regime e não pela indústria. Havia mecanismos de controle para garantir que as medidas planejadas pelos órgãos do governo fossem executadas pela indústria, não importando quais fossem as consequências para ela própria (Evans, 2006: 247). O governo passou a tomar para si a produção em diversos ramos antes feita por empresas privadas, já que a busca por lucro dessas empresas passou a colocar travas aos programas de rearmamento. Leis e regulações agiram no sentido de limitar preços, forçar a racionalização de alguns setores, direcionar investimentos no sentido de setores relacionados a guerra (o que atingia a produção e o comércio de forma direta), impor cotas de produção, direcionar o comércio internacional e muito mais. Como exemplo, foram feitas restrições à indústria automotiva quanto ao número de modelos que poderiam ser fabricados. A intensão era que as autopeças pudessem ser racionalizadas e menos caras, o que aumentaria a eficiência, inclusive da reparação de veículos militares (Evans, 2006: 251).

Os líderes do Four Year Plan eram do Partido Nazista, que substituíram os burocratas que haviam trabalhado com Schacht na condução da política econômica, com Goering acima de todos. Além deles, diretores de empresas privadas também tiveram participação no Four Year Plan, já que ele estabelecia uma relação cada vez mais próxima do regime com as empresas (Evans, 2006: 247). Algumas firmas se viram entrelaçadas ao regime, sendo que, enquanto o regime queria o aumento de sua produção em setores estratégicos, essas empresas queriam

manter suas parcelas de mercado e aumentar o lucro (Hayes, 1987: 358). E muitas conseguiram se beneficiar do Four Years Plan. Em geral, as grandes empresas.

A empresa química IG Farben, gigante do setor, foi uma das que tiveram maior papel durante o plano. A ela estava encarregada o desenvolvimento de combustíveis e borracha sintéticas, de grande caráter estratégico para os planos de rearmamento, assim como fertilizantes e fibras sintéticas para tecidos. Um dos diretores da I.G. Farben, Carl Krausch, encarregado da pesquisa e desenvolvimento, foi o mais importante empresário ligado ao Four Year Plan. Os empresários escolhidos pelo regime, sem dúvida, o foram por suas habilidades e expertise, mas ao mesmo tempo, eles também pensavam e buscavam o lucro para suas empresas (Evans, 2006: 248). Empresários como Carl Kausch, acabaram por ajudar o nazismo assumindo suas posições ideológicas nacionalistas e de dominação. Pode ser que muitos deles, no início, apenas buscassem garantir a posição de suas empresas, mas muitos acabaram por contribuir com o fortalecimento do nazismo em outras medidas também (Hayes, 1987).

A I.G. Farben passou a influenciar e contribuir com a formação e implementação das políticas econômicas do governo. O processamento de metais, ferro, aço e mineração, evidentemente, eram mais estratégicos para os planos de rearmamento, contudo a indústria química também tinha um papel importante, sendo que a I.G. Farben foi forçada a reorientar sua produção cada vez mais para as demandas militares do regime. Assim, com a obtenção de financiamento estatal para suas pesquisas e produções, a I.G. Farben apresentou grande aumento de produção de produtos estratégicos, como combustíveis e nitrogênio para explosivos, sob o Four Years Plan (Evans, 2006: 250-251).

A Krupp A.G., outra grande empresa alemã, produtora de armamentos e de grande importância para o regime, havia aumentado seus lucros nos primeiros anos do regime, o que permitiu seu alinhamento com as políticas econômicas até o momento. Contudo, logo o ressentimento de Gustav Krupp, líder da empresa, apareceu e cresceu, insatisfeito com o governo que não lhe dava a liberdade de ação que gostaria. Grande parte de seu lucro se baseava na exportação de armamentos, o que o levava a criticar duramente as ideias de autarquia (Evans, 2006: 250).

Com o Four Years Plan e seu caráter contrário ao comércio internacional e que promovia a nacionalização de certas empresas as preocupações de Krupp aumentaram e logo o crescimento dos lucros das empresas começou a cair. A independência que Krupp desejava para seus negócios

já não era possível, e ao mesmo tempo em que recebeu empréstimo para que aumentasse sua produção, perdeu grande parte de sua liberdade de ação (Evans, 2006: 250).

O empresário Fritz Thyssen, diretor da empresa Thyssen de mineração e produção de aço, é outro exemplo. Havia sido um grande apoiador dos nazistas nos anos anteriores, contudo no período do Four Year Plan passou a se opor a eles. Criticava a intervenção excessiva do Estado nas empresas, com as medidas do plano no centro de suas preocupações (Evans, 2006: 248).

Goring repreendia e pregava cada vez mais contra o desejo egoísta da classe empresarial em buscar lucros individuais, muitas vezes através da exportação de seus produtos, ao invés de fortalecer o rearmamento alemão. Nesse sentido, a grande importância estratégica da produção de ferro e aço fez com que crescesse dentro do partido a ideia de que a produção de minério em território alemão era uma necessidade geopolítica, desejando o aumento da produção do setor e sua nacionalização (Overy, 1994: 97).

Os industriais do setor de aço e ferro, contudo, não gostavam da ideia de aumentar a produção a níveis muito acima do que já haviam alcançado, ou de vender seus direitos de extração para outros. Utilizavam, principalmente, minério importado como matéria prima e consideravam pouco rentável a extração do minério em solo nacional, sendo que a substituição do minério de ferro utilizado na produção teria o efeito de elevar o preço do aço e ferro alemães, tornando-os mais difíceis de exportar, atividade que lhes gerava os maiores lucros na época (Evans, 2006: 249). A indústria pesada alemã procurou, então, repudiar o crescente dirigismo do regime nazista e também a subordinação dos interesses econômicos aos políticos. Cada vez mais empresários passaram a desejar e buscar meios de diminuir as amarras do controle estatal. Goring, por sua vez, enxergava a exportação de aço e ferro como se a Alemanha estivesse indiretamente contribuindo com o fortalecimento do material de guerra de seus inimigos (Overy, 1994: 102) e suas ameaças e acordos individuais com determinados empresários desarticularam qualquer possibilidade de manifestação organizada da classe empresarial (Evans, 2006: 249).

Então, em julho de 1937, foi fundado o Reichswark Hermann Goring, conglomerado que tinha a função de produzir e processar minério de ferro em solo alemão. Goring nacionalizou grande parte das empresas, especialmente as que se recusaram a cooperar como o regime desejava, e tomou para si o controle dos depósitos (Evans, 2006: 248). Essas medidas faziam parte do processo de adequar a indústria aos planos de autarquia e rearmamento do regime. A decisão de Goring foi determinante para a relação entre a indústria e o Estado nazista nos anos

seguintes, sendo que, durante a crise do Reichswerke, as crescentes divisões entre os interesses do nazismo e os do capital privado se evidenciaram (Overy, 1994: 93), em que a demanda política do partido pregava grandes esforços para a autossuficiência, enquanto os interesses econômicos da indústria pesada alemã ainda desejavam uma maior integração econômica europeia e menor intervenção estatal.

Porém, o grupo mais forte de industriais do país, do setor metalúrgico, teve que recuar frente ao poder do partido. Os empresários passaram a evitar confrontos diretos com o governo, recuando em seus negócios e tentando assegurar o que podiam de seus interesses através das poucas associações que ainda funcionavam com alguma independência. Foram obrigados a adotar uma postura de buscar seus interesses próprios de maneira mais tímida, sempre atrelados aos interesses soberanos do regime (Overy, 1994: 106).

Contudo, a rejeição ao controle estatal por parte dos industriais e alguns economistas, como Schacht, não era apenas uma preferência a auto regulação, mas também se temia que o intervencionismo nazista pudesse retroceder muitos dos ganhos que a economia apresentara até 1936, o que reacenderia o perigo de revoltas sociais. Schacht acreditava que a melhor maneira de se afastar o perigo do radicalismo dos trabalhadores era proporcionando níveis de vida satisfatórios a todos. Ele acreditava, inclusive, que o Reichswerke traria uma futura restrição de matérias primas às empresas voltadas ao consumo e a exportação e, além disso, nem ele, nem a indústria confiavam na capacidade de gestão econômica dos nazistas (Overy, 1994: 103).

De fato, as consequências das medidas do Four Year Plan puderam logo ser vistas. Os gastos com o rearmamento logo saíram do controle. Os custos do rearmamento saíram de 1,5% da produção nacional em 1933, para 7,8% em 1934, 15,7% em 1936 e 21% em 1938, onde a produção nacional havia quase dobrado no mesmo período (Evans, 2006: 241). O aumento da produção acontecia ao mesmo momento em que havia um grande aumento da demanda, especialmente por parte das forças armadas. As finanças públicas, que haviam apresentado um superávit modesto em 1932, tiveram déficit de 796 milhões em 1933 e atingiu 9,5 bilhões de Reichsmark em 1938. Schacht tentou advertir Hitler do perigo de suas políticas, que poderiam

trazer uma forte inflação ao país, mas Hitler acreditava que a guerra e a obtenção de novos territórios pagariam seus custos de rearmamento¹¹ (Ibid).

Apesar das falhas organizacionais do Four Year Plan e das medidas econômicas inconsequentes tomadas, pode-se dizer que algumas medidas apresentaram certo êxito, como por exemplo o aumento significativo da produção de carvão, alumínio e tecidos. O aumento da produção de petróleo e de combustíveis sintéticos também agiu no sentido de diminuir a dependência alemã a outros países, assim como a produção de borracha (Evans, 2006: 242-243).

Contudo, esses pontos mascararam o fato que não seria possível atingir o plano de fazer a Alemanha autossuficiente até 1940. Ao mesmo tempo, o Four Year Plan não foi capaz de resolver a questão do balanço de pagamentos. A exportação seguia sendo superada em valor pelas importações e os fabricantes alemães preferiam o mercado doméstico a arriscar no mercado global (Evans, 2006: 243). Além disso, os programas de rearmamento, com suas altas demandas de matéria prima, levaram a escassez de diversos produtos, mesmo os de uso unicamente civil. Em certo momento, chegou-se ao ponto de se confiscar objetos, aparelhos e utensílios metálicos para que fornecessem metal para a produção militar (Evans, 2006: 244).

A obtenção de mão de obra também se tornou um problema para os programas de rearmamento. As indústrias militares e suas relacionadas, como a de carvão, de aço e ferro, de engenharia, etc, acabavam por tomar grande parte dos trabalhadores do período, tornando a mão de obra escassa, principalmente, em setores não relacionados à produção de guerra. Essa dificuldade em se conseguir o número necessário de trabalhadores para toda a produção da economia fez com que o regime mudasse sua objeção quanto ao trabalho de mulheres. Mesmo que as mulheres não fossem consideradas aptas para trabalhar em indústrias pesadas, poderiam oferecer o trabalho em outras ocupações. Menores restrições ao trabalho feminino levaram ao aumento do volume de mão de obra disponível (Evans, 2006: 245).

Com a escassez de mão de obra e a intensificação dos planos de rearmamento, o governo teve que buscar trabalhadores em novos grupos, o que significava, especialmente, trabalhadores estrangeiros. Cresceu a ideia de que a escassez de mão de obra seria resolvida com o trabalho de pessoas ou grupos particulares de países dominados pela Alemanha (Evans, 2006: 246-247).

¹¹ Aly (2008) faz um debate sobre a economia nazista durante o período compreendido entre 1939-1945, os anos da guerra. Segundo o autor, 70% dos custos alemães com a Segunda Guerra Mundial foram pagos com recursos pilhados dos países invadidos.

Além disso, outro tipo de mão de obra foi utilizado: a dos presos nos campos de concentração. Fábricas chegaram a ser instaladas próximas à alguns desses campos, para que os prisioneiros fossem utilizados como mão de obra, principalmente os judeus. A I.G. Farben foi um exemplo de empresa que construiu uma fábrica em Aushchwitz (Hayes, 1987: 358).

A partir de 1938, então, a intervenção estatal se tornou significativamente maior. O desenvolvimento das indústrias, inclusive de aço e ferro, deveriam seguir considerações políticas do Estado. Sob o Four Year Plan, grandes quantidades de dinheiro foram disponibilizadas para os novos projetos industriais, enquanto praticamente toda a indústria privada pesada sofreu com a queda dos investimentos e a queda dos lucros, encontrando dificuldades até mesmo em renovar suas plantas e equipamentos (Overy, 1994: 107).

O que resultou das relações entre a indústria e o Estado nesse período foi uma economia de comando, governada por prioridades militares, mas dirigida por uma coalisão de oficiais do Estado, soldados, líderes do partido e tecnocratas industriais (Overy, 1994: 107).

Ao longo da década de 1930, portanto, o Estado nazista conseguiu, estrategicamente, colocar a indústria alemã para agir de acordo com seus interesses, trazendo-a para o projeto de preparação de guerra. Nesses anos, a indústria teve, portanto, um papel instrumental para os planos militares, devido à sua capacidade de prover os meios para guerra. Mas, para os empresários que não compartilhavam das ambições de guerra do regime, ou que discordavam da perda de liberdade empresarial e da maior intervenção do Estado, ainda assim havia grandes oportunidades. Como nos mostra Hobsbawn,

O fascismo teve algumas grandes vantagens para o capital, em relação a outros regimes. Primeiro, eliminou ou derrotou a revolução social esquerdista. Segundo, eliminou os sindicatos e outras limitações aos direitos dos empresários de administrar a força de trabalho. Terceiro, a destruição dos movimentos trabalhistas ajudou a assegurar uma solução extremamente favorável da Depressão para o capital. Finalmente, o fascismo foi eficiente na dinamização e modernização de economias industriais – embora de fato menos no planejamento técnico-científico ousado e a longo prazo das democracias ocidentais. (Hobsbawn, 1992: 105).

Nesse contexto, grande parte da indústria agiu de forma oportunista, se aproveitando das medidas estatais e em um segundo momento, fechando os olhos para as atrocidades e explorações. As características do projeto alemão de autarquia, que desejava a rápida criação da infraestrutura necessária para a produção e preparação de guerra, precisava em grande medida

das grandes empresas. Assim, especialmente para elas, era possível obter grandes lucros com o regime. Como concluiu Overy (1994: 106), a comunidade empresarial se caracterizou por um oportunismo defensivo em face ao poder estatal, o que manteve a substância do capitalismo alemão intacta. A obtenção dos lucros foi feita, porém ao custo da independência empresarial e uma inegável cumplicidade nas estratégias raciais e militaristas dos líderes do regime. Pode-se dizer que a competição no mercado foi substituída por competição dentro da estrutura política e a produção passou a ser ditada, principalmente, pela primazia dos projetos nazistas (Overy, 1994: 106).

Capítulo 3 – Operários e a Classe Média

3.1 – O desejo popular de mudanças no início da década de 1930

No início da década de 1930, os nazistas estavam se fortalecendo no cenário político alemão. Formavam um Partido que já tinha boa expressão e estava em ascensão, mas ainda longe de dominar a vida pública do país. Estavam cada vez mais conseguindo voz na política, enquanto conseguiam o apoio dos membros do exército que apreciavam os planos nazistas de tornar novamente a Alemanha uma potência militar; a classe industrial estava insatisfeita com o sistema parlamentar, vendo seus interesses ruindo em meio a recessão que atingiu o país após 1929. Mas, o crescente apoio da classe média e dos trabalhadores talvez tenha sido o grande diferencial do movimento nazista para os outros movimentos radicais de direita da Europa. Muitos grupos dessa classe média já apoiavam o nazismo desde o início da década de 1920, descontentes com a posição social que assumiram nos anos liberais da República de Weimar, o que permitiu que o nazismo se tornasse um movimento encampado pelas massas e não se restringisse a alguns salões da elite. Nesse capítulo, iremos encontrar os motivos que fizeram a classe média e os operários a formarem uma base de apoio popular ao regime nazista, o grande papel que a propaganda teve na década de 1930, como forma de doutrinar a população, e buscaremos mostrar os desejos e frustrações de alguns grupos contidos na classe média e de trabalhadores.

Dentro dessa classe média alemã, estavam contidos grupos como pequenos empresários, artesãos, pequenos fazendeiros, profissionais autônomos, etc.. Contudo, de longe, a maior classe social da Alemanha no início da década de 1930 era o proletariado, que compunha cerca de 46% da população economicamente ativa (Evans, 2006: 300). Como mostrou o censo de 1933, realizado em grande medida sem a interferência nazista, além dos trabalhadores industriais, 16,4% da população podia ser classificada como profissionais autônomos, 17% ocupada em serviços civis, 16,4% como familiares não assalariados (a maioria em pequenas fazendas), e 3,8% ocupados com serviços domésticos (Ibiid). Olhando para a população adulta por setor econômico, o censo mostrou que 13,1 milhões de pessoas atuavam na indústria e em ocupações artesanais, 9,3 milhões na agricultura, 5,9 milhões em comércio e transporte, 2,7 milhões em serviços públicos e privados e 1,3 milhões em serviços domésticos (Ibid).

A sociedade alemã possuía, então, uma classe de trabalhadores industriais que já era significativa e seguia crescendo, a agricultura ocupava grande número de pessoas, mas estava em

declínio, e o setor de serviços era, relativamente, pequeno, mas estava se expandindo rapidamente.

Alguns setores da classe média estavam desgostos com a perda de status que a democracia e o liberalismo lhe trouxeram dentro da sociedade alemã. Os artesãos, por exemplo, passaram a sofrer grande concorrência das grandes empresas e viram a demanda de seus produtos cair significativamente ao longo dos anos da República de Weimar; pequenos empresários e donos de lojas se ressentiam das grandes lojas de departamento, que lhes tiravam clientes e diminuía seus lucros. Executivos e assalariados do setor privado desejavam um maior status e privilégio e, apesar de serem muito divididos politicamente, um número cada vez maior se tornava descrente do governo liberal (Evans, 2006: 288-292).

Além deles, grande parte da população também estava cansada da situação trazida pelos valores liberais do período da República de Weimar: discordâncias políticas, a violência e ilegalidade nas ruas, o mau funcionamento dos serviços públicos e o caos social (Gellately, 2001: 10). Milhões de alemães culpavam o sistema parlamentar, julgando-o muito permissivo e que promovia divisões na população, causando disputas partidárias que colocavam travas à recuperação econômica, ou seja, consideravam o sistema parlamentar ineficiente (Stackelberg, 2002: 123). Conflitos políticos se tornaram comuns, com a participação de vários partidos, sendo os mais ativos os comunistas e os nazistas. O povo alemão desejava medidas radicais para tratar a crise econômica e política, medidas que fossem capazes de trazer grandes mudanças à situação do país. Farto dos políticos liberais, buscavam alguém em quem depositar a confiança, ansiosos por algum líder capaz de reconectar o país aos principais elementos de sua tradição (Gellately, 2001: 10).

Após a crise de 1929, em que muitos perderam o emprego e quando o país mergulhou em uma depressão econômica, o medo do avanço do comunismo se tornou um sentimento bem difundido dentre a classe média. Em 1933, 6 milhões de pessoas estavam desempregadas, e mais 2 milhões haviam desistido de procurar emprego, o que significa que 40% dos trabalhadores aptos a trabalhar estavam sem emprego (Gellately, 2001: 11). Além disso, estima-se que havia mais 3 milhões de pessoas em subempregos (Ibid). A situação econômica alemã estava um caos, sendo as classes média e baixa as que mais sentiriam esses problemas, tornando-os grupos suscetíveis ao florescimento de ideias de caráter marxistas. O desemprego em massa acabou com a coesão da classe trabalhadora do início dos anos 1930. Os grandes e bem organizados

sindicatos foram se desarticulando, sendo que muitos acabaram por sofrer a influência comunista (Evans, 2006: 300). Assim, o desemprego reforçou significativamente o senso de crise, contagiando mesmo os grupos sociais que não estavam ameaçados diretamente pela perda do trabalho e de sua renda. A falta de ordem e dos valores que esses grupos conservadores consideravam essenciais à sociedade ajudava a fortalecer o descontentamento.

Então, com essa alarmante situação econômica e social do país, cresceu o sentimento de desespero e falta de esperança no povo alemão no início da década de 1930. A taxa de suicídios, por exemplo, aumentou muito, se tornando quatro vezes maior do que a inglesa no mesmo período e o dobro da dos Estados Unidos (Gellately, 2001: 10). Havia a percepção por parte de alguns grupos de que o país estava tendo sua cultura e valores morais ruindo. Socialmente, esse período mostrou um encolhimento do número de membros na família, maior número de mulheres no mercado de trabalho, aumento dos abortos, da prostituição e de doenças venéreas (Ibid). Todos esses pontos exemplificam valores condenados pela classe média crítica ao governo social democrata do período.

Essa classe média alemã tinha caráter conservador e via com bastante preocupação o crescente apoio que o partido comunista vinha obtendo conforme a crise se agravava no país. Se olharmos as três eleições anteriores à posse de Hitler como chanceler, o partido comunista era o terceiro em número de votos, enquanto o partido mais moderado dos sociais democratas era o segundo. Então, conforme aponta Gellately (2001: 11), para os olhos dos conservadores, um número excessivo de pessoas estava votando em partidos com direção marxista.

No início da década de 1930, a maioria dos partidos da classe média havia sido desfeita nos anos de crise, deixando essa classe média temerosa frente ao crescimento comunista sem uma alternativa conservadora ao Partido Nazista. Isso levou muitos a apoiarem Hitler, mesmo que em um primeiro momento, não se identificassem com todos os aspectos da doutrina nazista (Ibid). Mas, cada vez mais, o discurso de Hitler, com seu caráter conservador, as promessas de reconstrução econômica, as intenções de pôr ordem à sociedade e o desejo de restaurar o orgulho nacional passaram a fazer efeito em milhões de alemães, que passaram a ver no regime nazista uma oportunidade de terem suas aspirações de longo tempo atendidas. Sua ótima habilidade de falar em público e de inflar as pessoas o estava tornando o líder que muitos desejavam e esperavam.

O apoio da classe média, seguramente, foi um fator que contribuiu para que Hitler fosse nomeado chanceler em janeiro de 1933, período em que o Partido Nazista se fortalecia e vinha se tornando o maior partido alemão, mas que ainda não havia se consolidado no controle político do país e não era capaz de pressionar o presidente Hindenburg como desejasse. A capacidade de Hitler em mobilizar as massas e, dessa maneira, conter os ânimos sociais sob sua figura de líder era vista como benéfica ao governo e, certamente, pesou na sua nomeação.

Uma vez no poder, Hitler e o Partido Nazista foram crescentemente se articulando em todos os âmbitos possíveis dentro do governo e da vida pública. Tinham como objetivo suplantar o sistema parlamentar e controlar o Estado e todas suas instituições. Fora do contexto governamental, desejavam, de maneira geral, controlar a vida pública do povo alemão, reconstruindo até mesmo seus ideais. Para isso, ainda havia um longo caminho a ser trilhado, que começava com a consolidação do poder nazista no cenário político alemão, o que significava adquirir o apoio de praticamente toda a população.

Com isso, em 30 de janeiro de 1933, já como chanceler, Hitler deu na rádio um pronunciamento oficial cujo objetivo era inflar a população alemã, fazendo apelos pela unidade da população, de modo que todos passassem a ter objetivos em comum. Esses objetivos eram a restauração da economia, a restauração do poder militar alemão, e recuperar a posição central da Alemanha no mundo (Stackelberg, 2002:125). Segue abaixo a transcrição de trechos desse pronunciamento:

Proclamação do Governo do Reich para o povo alemão – 01/02/1933:

“(…) A insana noção de vitorioso e vencido destruiu a relação entre as nações e, portanto, também a economia mundial. (...) A miséria de milhões de desempregados, a fome dos proletários está sendo seguida pelo empobrecimento de toda a classe média e dos artesãos. Se essa desintegração atingir, por fim, aos camponeses, seremos confrontados por uma catástrofe de dimensões incalculáveis. Isso não apenas significará o fim do Reich, mas de mais de dois mil anos de herança de um dos mais altos valores culturais da humanidade. Os sinais da desintegração estão ao nosso redor. Com uma força e violência sem precedentes, os comunistas tentam, com métodos insanos, envenenar e desmoralizar o abalado povo alemão.

Catorze anos de marxismo arruinaram a Alemanha. Um ano de bolchevismo destruiria a Alemanha. As mais ricas e mais bonitas áreas culturais do mundo seriam transformadas em caos e ruínas. Até o sofrimento da última década e meia não seria comparável a uma Europa em que em seu coração tivesse brotado a bandeira vermelha da destruição.

(...) A situação que herdamos é terrível. A tarefa que devemos cumprir é a mais difícil já vista pelos governantes vivos. Mas a nossa confiança é inabalável, pois acreditamos no nosso povo e seus valores. Camponeses, trabalhadores e a classe média devem se juntar a nós para fornecerem os tijolos para o novo Reich. O governo nacional considera como primeira e principal tarefa restaurar a unidade de espírito e a vontade do povo alemão. Isso vai preservar e defender as fundações sobre as quais está a força da nossa nação. Ele irá estender a firme proteção ao cristianismo como base do nosso sistema moral, e da família como núcleo do povo e do Estado. (...) A Alemanha não deve e não irá perecer sob o anarquismo comunista. No lugar de instintos turbulentos, crescerá novamente a disciplina nacional como princípio para guiar nossas vidas.

(...) Se a Alemanha está para vivenciar essa reconstrução política e econômica e assim cumprir com suas obrigações frente a outras nações, um passo decisivo é necessário: a superação da subversão comunista na Alemanha. Nós, homens desse governo, nos sentimos responsáveis por reconstruir um corpo político ordenado e assim superar a insanidade das classes e dos conflitos de classes. Não é para uma classe que vamos olhar, mas para todo o povo alemão, seus milhões de camponeses, burgueses e trabalhadores, que irão juntos vencer os problemas desses tempos ou sucumbir juntos a eles.

(...) Nós, portanto, pedimos para que o povo alemão participe desse ato de reconciliação. O governo do ressurgimento nacional quer trabalhar e irá trabalhar. Ele não foi o responsável por levar a Alemanha às ruínas por catorze anos, mas quer liderar a nação de volta ao topo. Quer recuperar em quatro anos os danos feitos em catorze anos. Mas não podemos deixar que a reconstrução seja dependente da aprovação daqueles a quem devemos culpar pelo colapso. Os partidos marxistas tiveram catorze anos para provar suas capacidades. O resultado é um punhado de pedras. Agora, povo alemão, nos dê quatro anos (...)."¹² (Stackelberg, 2002:126-127).

Nas suas falas, Hitler buscou atingir de maneira feroz a grande massa da sociedade. Já pensava nas eleições que seriam feitas em março de 1933 e queria conseguir maior representatividade para o Partido Nazista dentro do governo.

O pronunciamento ajudou a preparar os alemães para a eliminação do sistema parlamentar, além de colocar claramente os comunistas como inimigos a serem combatidos a qualquer custo. Hitler também prometeu a volta dos valores tradicionais, como ansiava a classe média alemã, e pedia a união do povo.

Em fevereiro do mesmo ano, seu discurso já estava sendo traduzido em ações. Os nazistas lançaram uma violenta perseguição contra seus adversários políticos, especialmente, líderes e

¹² Tradução livre feita pelo autor.

funcionários do Partido Comunista e do Partido Social Democrata. Convocaram uma nova eleição para março de 1933, sendo que, uma semana antes da eleição, o incêndio do Reichstag deu a oportunidade aos nazistas de suspenderem as liberdades civis e recrudescerem a perseguição aos comunistas. Apesar de, nessas eleições, os nazistas não terem conseguido a quantidade de votos que buscavam, a perseguição a seus opositores e alianças com alguns grupos, como o Partido Católico, garantiram o fortalecimento do poder político nazista. Isso se traduziria no “*Enabling Act*”, um tratado que deu poderes ditatoriais a Hitler, liberando-o da necessidade de aprovação do presidente Hindenburg para legislar (Stackelberg, 2002:123).

Pode-se dizer que a classe média e grande parte da população alemã do período estavam suscetíveis a pensamentos políticos que colocavam alguns grupos como vilões, como os grandes responsáveis pelos problemas do país. Os nazistas passaram a, gradativamente, tornar o discurso de ódio aos judeus mais barulhento e então, além dos comunistas, os judeus passaram a sofrer perseguições também. Muitos dessa classe média desaprovavam o antissemitismo num primeiro momento e eram contra a violência que começava a se apresentar contra os judeus. Mas, em questão de semanas, grande parte deles já se via aderindo a boicotes e relevando a violência praticada, justificando as ações contra os eles como necessárias para impedir que os marxistas e judeus prejudicassem a Alemanha (Evans, 2006: 298). Em 1 de abril de 1933, houve o primeiro boicote econômico contra os judeus, mas que durou apenas um dia. A pressão para que os judeus vendessem seus negócios a baixos preços a arianos era cada vez maior. Os presos pelas perseguições se tornaram tão numerosos que se iniciou a construção de campos de concentração, sob o controle da SS. Anunciava-se que os campos de concentração tinham como objetivo garantir a segurança pública da população e a “reeducação” dos prisioneiros políticos, contudo o que de fato acontecia era os presos ficarem a mercê da brutalidade arbitrária dos membros da SS (Stackelberg, 2002:124).

3.2 – Doutrinação ideológica e o papel da propaganda

O regime estava, então, agindo no sentido de acabar com a pluralidade de pensamento e de discursos, com a intenção de deixar a ideologia nazista de maneira absoluta na cabeça dos alemães. Nesse sentido, os nazistas tinham o objetivo de colocar todas as organizações e instituições do país sob o controle do regime, para criar uma “comunidade do povo”, livre da diversidade racial e de dissidências políticas. Judeus, comunistas e liberais foram as primeiras

vítimas do processo. Nos cargos públicos, por exemplo, qualquer pessoa que tivesse um ou mais avós judeus estavam dispensados de seus serviços, o que fez com que a Alemanha perdesse grande parte de seus cientistas e professores, que emigraram para a Inglaterra e EUA, predominantemente. Para a purificação da vida intelectual alemã, em maio de 1933 foi feita uma queima coletiva de livros. Além disso, para a purificação da raça, iniciou-se a esterilização forçada de deficientes físicos e mentais, além de pessoas com problemas supostamente transmitidos geneticamente, como alcoolismo (Ibid).

No setor privado, essa purificação também passou a ocorrer. Os sindicatos, por exemplo, foram suprimidos e substituídos pela *German Labour Front*, sob controle nazista. A German Labour Front acabou se tornando uma espécie de grande união que tinha como objetivo principal representar os trabalhadores. Regularam férias remuneradas, fizeram acordos salariais, buscaram igualdade salarial para mulheres, segurança e saúde aos trabalhadores e outras medidas nesse sentido (Evans, 2006: 302). Por outro lado, sendo controlada pelos nazistas, iria sempre atender aos interesses do regime em última instância.

Os governadores do Estado foram colocados sob o controle do Reich e os escritórios governamentais foram colocados sob controle do partido. As igrejas, por outro lado, resistiram ao controle do Estado. Mas, para garantirem sua independência em questões religiosas, abriram mão de atuar politicamente de qualquer forma que fosse contrária ao nazismo. O Vaticano assinou um tratado em que trocava o direito a participação política pelo respeito à independência institucional da Igreja (Stackelberg, 2002:124).

As artes e a imprensa também foram colocadas sob o comando do regime (Stackelberg, 2002:124). Ao lado do rádio, foram importantes instrumentos da propaganda nazista, vista como ponto de grande importância para o regime. Da mesma maneira em que buscaram controlar todas as organizações do governo, os nazistas eram claros ao mostrar que buscavam garantir o monopólio ideológico e que estariam dispostos a usar todos os meios disponíveis ao governo para atingi-lo.

Hitler buscava uma transformação ideológica que atingisse todos os setores da vida pública, o que tornava descartável a inteligência e espíritos individuais dos membros do partido e do exército, sendo necessária apenas a obediência a seus líderes. Assim, Hitler pedia a obediência para a criação de um sistema de dominação dentro da Alemanha, que era uma condição para o esquema nazista para que pudessem buscar a dominação de outros territórios através da guerra.

Assim, logo que Hitler virou chanceler, buscou o controle dos meios de comunicação de massa e os colocou a serviço de seus objetivos (Deist, 1990: 90).

Em sua introdução, Kallis (Kallis, 2005: 1) cita Jacques Ellul, um dos teóricos pioneiros da propaganda e comunicação, mostrando uma ideia que, muito provavelmente, está próxima do pensamento dos nazistas sobre a propaganda:

“A propaganda emerge dos meios de comunicação de massa, que tornam possível o uso das técnicas de propaganda em uma escala em que atingem toda a sociedade. A organização da imprensa, rádio e televisão para criar um contínuo, duradouro e total ambiente traz a influência da propaganda de modo virtualmente despercebido justamente por criar um ambiente constante. Os meios de comunicação de massa promovem a ligação essencial entre o indivíduo e as demandas da sociedade.”¹³(Kallis, 2005: 1).

Kallis segue mostrando algumas características da propaganda na sociedade moderna, como seu surgimento a partir da necessidade de priorizar, organizar, correlacionar e depois transmitir informação ao público de interesse, assim fazendo uso das oportunidades oferecidas pela tecnologia (meios de comunicação de massa) e pela modernidade (agregação da população e acesso à mídia) para atingir esse objetivo. A propaganda do Estado tem legitimidade para fornecer essa informação para os cidadãos. Contudo, além de informar as pessoas, esse tipo de propaganda se tornou um meio de estabelecer objetivos comuns e a própria continuidade desse Estado (Kallis, 2005: 1).

“A propaganda, então, não simplesmente prove informação; ela tem uma variedade de funções adicionais – muitas delas em favor dos destinatários. Tem a intenção de atender necessidades fundamentais da sociedade, como integração, correlação, orientação, motivação/mobilização, adaptação, continuidade e até diversão/relaxamento.”¹⁴ (Kallis, 2005: 2).

Integração, no caso nazista, talvez fosse a principal das principais funções da propaganda, que buscava impedir a fragmentação da sociedade e fazê-la funcionar como um “sistema”. Promovendo um ambiente comum para a aquisição e a interpretação de informação, ao mesmo tempo em que se cultivava constantemente a percepção do mundo, a propaganda buscava integrar a pessoa tanto como indivíduo, quanto como membro de um grupo social, com símbolos, significados e desejos compartilhados. Dessa maneira, essa integração acabava por ajudar outras

¹³ Tradução livre feita pelo autor.

¹⁴ Tradução livre feita pelo autor.

funções da propaganda, como a orientação, em que dava um caminho a seguir de forma indireta, no sentido de padrões particulares de predisposição, expressão e ação (Kallis, 2005: 2).

Com as características citadas, a rede de propaganda nazista desenvolveu uma tendência de coordenação ideológica e centralização política/administrativa, ao mesmo tempo em que promoveu uma desconstrução da esfera pública e liberal dos meios de comunicação desenvolvido no período da República de Weimar (Kallis, 2005: 7). Os nazistas usavam a propaganda para promover uma doutrinação ideológica na população alemã e, certamente, muitas vezes a realidade não estava totalmente de acordo com o que era veiculado pelo regime. A informação e os fatos eram manipulados e mostrados através de determinada ótica para que fossem carregados com os valores ideológicos nazistas.

Para isso, havia um controle dos meios de comunicação, perto do monopólio, pelas mãos do partido e do governo, especialmente a imprensa e o rádio, e o cinema em grande medida. Era uma evidência do totalitarismo. Um processo organizado de coordenação da informação, colocando toda informação e rede de lazer sob o controle das autoridades nazistas, eliminando a pluralidade e a possibilidade de versões alternativas dos fatos chegarem ao público (Kallis, 2005: 8). O controle sobre toda informação veiculada era essencial ao regime e sua legitimidade, já que visões e interpretações diferentes poderiam gerar questionamentos dentro da sociedade, prejudicando a coesão da população em torno do nazismo.

Mesmo antes de 1933, o partido já dava grande importância à propaganda. Joseph Goebbels era o responsável pela propaganda nazista desde 1925, sendo que o principal meio de atingir a massa nesse período era através de discursos e demonstrações públicas. Uma escola de oradores nazista foi criada, com o objetivo de prepara-los e criar uma uniformidade entre os oradores. Com a ajuda dessa escola, o Partido colocou na rua mil oradores em 1930, que contribuíram com o crescimento no número de votos do Partido Nazista nessas eleições. Além dos discursos, alguns jornais sob posse do Partido e, às vezes alguns outros, colocavam textos do Hitler e de outros líderes, como Goebbels, em suas publicações, fornecendo uma publicidade extra (Deist, 1990: 87).

Goebbels acreditava que os nazistas estavam realizando uma revolução na Alemanha, que afetaria todas as áreas da vida pública e as reestruturaria, mudando as relações entre as pessoas e também entre as pessoas e o Estado. O individualismo dentro da sociedade acabaria, para dar lugar a uma unidade de espírito à nação. Além disso, para Goebbels, a revolução não ficaria

confinada simplesmente à esfera política, mas outras esferas também sentiriam o impacto, como a economia, cultura, ciência, arte, etc... (Evans, 2006: 91).

A revolução que Goebbels se refere é uma revolução cultural e intelectual. Previu que o fortalecimento do poder político nazista na Alemanha estaria intimamente relacionado com uma mudança do pensamento da sociedade alemã (Evans, 2006: 91).

E foi para criar essa dita unidade de espírito e fazer com que todo o povo alemão estivesse disposto a apoiar o Partido Nazista que Hitler criou o Ministério da Propaganda já em 1933 e nomeou Goebbels como ministro. Como mostra Deist (1990: 91), dessa maneira, foi incorporado no aparato estatal um setor particular do Partido Nazista. Mesmo assim, o departamento de propaganda do Partido não deixou de existir, mostrando a importância que davam ao tema. Quanto ao ministério criado, Evans nos mostra um pouco de seus objetivos:

“O ministério de Goebbels buscou não apenas apresentar o regime e suas medidas de forma positiva, mas também gerar a impressão de que todo o povo alemão apoiava entusiasticamente tudo o que era feito. De todas as características que fizeram o Terceiro Reich uma ditadura moderna, a sua incessante busca por legitimação popular foi a mais significativa” (Evans, 2006: 91).

Mesmo que o apoio total da população não fosse real, a constante tentativa de mostrar o entusiasmo geral do povo em torno do regime e do seu líder, certamente influenciava muito dos que estavam neutros a seguir a maioria, assim como intimidava inimigos do regime (Evans, 2006: 91).

Goebbels comparava o papel do Ministro da Propaganda em mobilizar intelectualmente a Alemanha ao do Ministro da Defesa, que deve guardar a nação. Como argumenta Deist (1990:91), talvez essa mobilização mental fosse até mais necessária do que o rearmamento material da nação, já que, através dela, seria instituída uma uniformidade de pensamento e atitudes nos indivíduos, o que, por sua vez, contribuiria com planos de rearmamento.

Goebbels, dessa maneira, se tornou essencial ao regime, sendo o grande responsável pela criação da imagem mística de Hitler frente ao povo alemão. Era ele quem orquestrava a propaganda política nazista, criando os mecanismos de controle e definindo as diretrizes (Ibid). Quando Hitler não estava falando, era Goebbels quem fazia sua ideia chegar aos ouvidos e corações alemães.

Uma série de medidas simbólicas foi feita para exaltar o regime e a figura do Hitler, em especial. Foram incorporados novos feriados no calendário, como o dia do aniversário do Hitler,

ruas foram renomeadas por toda a Alemanha, para que deixassem de lembrar um passado democrático e passassem a celebrar Hitler, outros líderes ou heróis nazistas. Hitler e Goebbels tinham o desejo de que não apenas a Alemanha visse Hitler como unanimidade e o regime como altamente positivo, mas que todo o mundo tivesse essa ideia sobre eles. Para isso, chegaram a fazer documentários sobre Hitler e seu apoio da população (Evans, 2006: 92-94).

Como já dito antes, foram os meios de comunicação de massa que deram a oportunidade para o regime criar uma propaganda que fosse amplamente difundida entre todos da população. Nesse sentido, o rádio era visto pelos nazistas como uma importante arma na batalha ideológica. Com o papel fundamental que lhe era reservado no processo de padronização dos ideais, o governo tomou para si o controle da difusão do rádio e, em 1934, Goebbels garantiu que as estações de rádio fossem controladas também economicamente pelo regime, adquirindo as ações das empresas (Deist, 1990: 91).

Os planos dos nazistas para o rádio não eram, simplesmente, o de supervisionar e controlar os programas. Como o rádio ainda era algo, relativamente, novo e não tão difundido dentro da população, fizeram acordo com industrialistas para que se fizesse uma produção em massa de aparelhos que deveriam ser vendidos a preços mais baixos e encorajaram suas vendas. Ainda em 1933, 1,5 milhão de unidades de aparelhos de rádio foram vendidas (Deist, 1990: 91). Contudo, de acordo com a censura nazista, esses rádios eram feitos de maneira em que não se pudesse sintonizar rádios estrangeiras (Ibid). Com essa popularização do rádio, podiam transmitir discursos do Hitler e outras lideranças nazistas, além de noticiar informações e fatos atingindo o pensamento e a consciência dos cidadãos alemães da maneira que desejavam, sendo ouvidos por grande parte da população.

Deist (1990:93) aponta que a assumir a coordenação da imprensa se mostrou mais difícil do que a do rádio. Para os nazistas, a imprensa era um meio de educar e doutrinar as pessoas de acordo com a ideologia nacional socialista. Contudo, na Alemanha havia um grande número de jornais que sobreviveram do período de Weimar e, antes de Hitler ser nomeado chanceler alemão, os jornais nazistas representavam uma baixa porcentagem deles. Contudo, após janeiro de 1933, o regime tomou violentamente centenas de jornais de caráter de esquerda, confiscando suas impressoras e seus escritórios, vendendo-os a preços baixos para os jornais nazistas. Com medo da retaliação, a maioria dos jornalistas não se pronunciaram frente aos acontecimentos, sendo que passaram a ter que atuar e escrever de acordo com os ideais nazistas, sendo a perda de seus

empregos era a menor das ameaças caso descumprissem isso. O regime não permitiria jornais com ideologias diferentes (Deist, 1990: 93).

Os nazistas, então, assumiram o controle economicamente de grande parte dos jornais alemães. Os que seguiam em mãos privadas, eram supervisionados de perto. O crescente poder de Hitler e do partido tinha que ser dito a todo instante para que entrasse de vez na consciência de todo cidadão (Deist, 1990: 94-96).

Outro importante instrumento da propaganda nazista era a “Câmara de Cultura” do Reich, que era composta por diversas câmaras subordinadas dos vários braços da vida cultural, como a imprensa, o rádio, o teatro, o cinema, a música, a literatura, etc... Essa organização refletia a intenção do regime de reconstruir todos os aspectos da vida política e intelectual de acordo com sua ideologia (Deist, 1990: 94).

Com esse sistema composto pelo Ministério da Propaganda, o departamento de propaganda do Partido e a Câmara de Cultura, a opinião pública era formulada pelo regime, criada artificialmente de acordo suas diretrizes (Deist, 1990: 94). Foi fundamental para o sucesso dessa política de uniformização ideológica o fato de que os intelectuais estavam dispostos a participarem, ou no mínimo, não apresentarem grande oposição e se conformarem. Além disso, a preocupação nazista de sempre deixar uma aura de legalidade nas suas ações também foi importante para a legitimidade das políticas. Outro ponto importante foi a competência dos membros da equipe montada por Goebbels, em geral, mais jovens do que a elite do partido. Eles eram soldados da primeira guerra e intelectuais com dificuldade de encontrar trabalho, que haviam perdido seus status na década de 1920 e, assim, se unido ao mais radical e forte partido da direita (Deist, 1990: 95).

Com todo o esforço da máquina de propaganda nazista, a popularidade de Hitler cresceu de maneira bem rápida a partir do momento em que ele assumiu como chanceler da Alemanha. Os primeiros pontos com que Hitler teve que lidar foi o comunismo e o desemprego. O comunismo foi, relativamente, mais simples de lidar, já que os nazistas já haviam mobilizado uma força significativa. Por outro lado, resolver os problemas econômicos da Alemanha seria uma tarefa consideravelmente complexa (Gellately, 2001: 13).

“O destino de Hitler estava inicialmente amarrado a questão comunista e ao desemprego. A primeira parte foi mais simples, devido às características das forças que os nazismos podiam adotar, a extensão do anti comunismo popular e o pequeno número de militantes comunistas.

Mas, curar os massivos problemas econômicos alemães representavam um desafio formidável.”¹⁵(Gellately, 2001: 13).

Assim, os programas nazistas de criação de empregos, que mostraram resultado em um curto espaço de tempo foram essenciais para que Hitler aumentasse sua base de apoio popular. Conforme os empregos foram sendo criados e a situação econômica do país foi melhorando¹⁶, os trabalhadores aumentaram o apoio ao partido nazista, sendo que muitos desses trabalhadores tinham propensões a se identificarem com o pensamento comunista anos antes. Sem dúvida, a melhora da situação econômica e as vitórias de Hitler na política internacional foram fatores que também contribuíram com o enfraquecimento do comunismo na Alemanha. A perseguição e coerção também foi outro ponto determinante, que fez com que houvesse poucos movimentos contrários ao nazismo (Gellately, 2001: 14).

As eleições de novembro de 1933 evidenciaram esse crescente apoio, quando Hitler e o Partido Nazista receberam cerca de 40 milhões de votos, 92% do total (Gellately, 2001: 15). Em agosto de 1934, após a morte do Presidente Hindenburg, houve novo plebiscito para se decidir se o cargo de líder do Estado (cargo que pertencia a Hindenburg) deveria ser unido ao de líder do governo (cargo de Hitler). Novamente, cerca de 90% apoiou Hitler (Ibid). Mesmo que esses números possam ter sido manipulados pelos nazistas, não há dúvidas de que a grande maioria da população os apoiava (Ibid).

Hitler, seus discursos e toda a propaganda nazista levaram os diversos grupos da classe média a acreditarem que teriam seus interesses representados e atendidos pelos nazistas e a recuperação econômica do país após a Grande Depressão, certamente, contribuiu para que a população seguisse Hitler e seu regime autoritário de forma mais firme (Gellately, 2001: 16).

Inicialmente, isso realmente aconteceu. As medidas tomadas pelo regime, no início, caminharam no sentido de solidificar sua posição de controle na vida política e social da Alemanha e, para isso, necessitavam do apoio da classe média. Assim, num primeiro momento do regime, muitas das ações tomadas pelos seus líderes foram de acordo com os interesses desses grupos da classe média. Em um segundo momento, em que os nazistas já haviam se fortalecido e, praticamente, já não havia mais oposição política a eles, passaram a tomar medidas que

¹⁵ Tradução livre feita pelo autor.

¹⁶ Ponto discutido na segunda parte do Capítulo 2: A recuperação econômica do período 1933-36.

favorecessem mais os industriais, necessários para as intenções nazistas, e seus próprios interesses, que muitas vezes iam de encontro com o que buscava parte da população.

3.3 – A relação do regime com a classe média e os operários após 1933

Nessa seção, inicialmente, vamos pontuar como diversos grupos da classe média se relacionaram com o regime nos anos posteriores a 1933, assim como suas aspirações e frustrações.

Pequenos empresários, artesãos e donos de estabelecimentos foram beneficiados por algumas medidas e leis aprovadas no início do regime, como a “*Law for Protection of Individual Trade*”, que impedia cadeia de lojas a abrirem novas unidades ou a agirem em novos ramos, ou mesmo de terem em seus estabelecimentos serviços como barbearias, sapateiros, restaurantes. Posteriormente, foram também proibidas de oferecer serviços como bancos, reparação de relógios, serviços automotivos, entre outros (Evans, 2006: 288).

A partir de setembro de 1933, os subsídios do governo à construção e reparação de casas possibilitou também o desenvolvimento para autônomos como carpinteiros, encanadores, etc. Muitos setores de trabalhadores autônomos, como farmacêuticos e veterinários, achavam que o regime traria vantagens para eles, que sofriam com a competição da grande indústria. Acreditavam que recuperariam o prestígio que haviam tido algum dia de profissionais habilidosos, enquanto as grandes empresas teriam limites de atuação. Contudo, o que se viu nos anos seguintes a 1933, foi algo bem diferente. As aspirações dos empresários autônomos não se concretizaram e eles acabaram perdendo grande parte de sua independência para os desejos de guerra do regime, que passou a orientar a atuação e produção deles. Além disso, a produção de guerra não poderia deixar de contar com a grande indústria, que era essencial para os planos de preparação. O descontentamento dessa classe de profissionais aumentou à medida que o regime estabelecia contribuições que deviam ser dadas por eles, enquanto os gastos das pessoas do país nos bens de consumo e serviços que produziam não aumentavam suficientemente (Evans, 2006: 290).

Esse ponto se agravava no período da recuperação econômica pelo baixo nível geral de salário, que fazia com que as pessoas buscassem lojas de departamento e outras alternativas para produtos baratos, mesmo os que fossem de pior qualidade do que os produzidos pelos artesãos e pequenos empresários. Outros pontos da situação econômica do período se mostravam prejudiciais aos interesses dessa classe dos pequenos empresários, como a dificuldade em se

obter crédito, a demora para a recuperação da demanda de bens de consumo, o controle de preços que impactava negativamente os lucros e o aumento de impostos. A classe reclamava da escassez de matéria prima, da perda de trabalhadores para as forças armadas e para a indústria de guerra, que geralmente era mais estimulada e muitas vezes ofereciam melhores salários, principalmente a partir de 1936. Além disso, o controle que lhes era imposto sobre a produção desagradava muito esses pequenos empresários. Contudo, em nenhum momento esses descontentamentos se organizaram em uma reclamação coletiva ao regime. Quando membros dessas classes se queixavam publicamente e mostravam o descontentamento frente ao regime e suas promessas não cumpridas, eram geralmente presos. Muitos estavam descontentes, porém poucos se arriscavam a abrir a boca e bradar em alta voz como estavam descontentes (Evans, 2006: 291).

Por outro lado, apesar de todas essas frustrações e reclamações, a grande maioria desses profissionais autônomos e pequenos empresários considerava sua situação durante o regime melhor do que a que tinham nos anos da Depressão, ou seja, mesmo que a recuperação econômica dessa classe não tenha sido na proporção que esperavam e que lhes havia sido prometido, ainda assim, houve recuperação. Esse ponto, aliado a opressão dos nazistas, impediu que eles se organizassem contra o regime. Além disso, pode-se dizer que, dentre todos os setores da sociedade alemã, esse foi o mais favorável ao nacionalismo, ao antissemitismo e ao sentimento antidemocrático desde o fim do século XIX. Segundo Evans (2006: 291), era necessário um descontentamento mais forte do que o que tinham para que eles se virassem contra o regime.

Os executivos e assalariados do setor privado que apoiavam o nazismo esperavam que o regime trouxesse uma barreira de status entre eles e os trabalhadores braçais. O medo do comunismo e o que ele traria para esse grupo era um forte estímulo ao apoio ao nazismo (Evans, 2006: 292).

Quando Hitler assumiu o poder, contudo, esses trabalhadores iriam se desapontar. Líderes políticas de uniões de trabalhadores assalariados do setor privado foram presos e levados a campos de concentração, e essas uniões foram incorporadas a *German Labour Front*. Esses trabalhadores deixaram assim de ter a tradição e a cultura mais distinta que possuíam nos anos dos Sociais Democratas, e se tornaram menos distantes dos movimentos comunistas. Com isso, muitos membros dessa classe acabavam adquirindo uma apatia política, a não ser pelos que, no mínimo, se viam satisfeitos com a maneira que Hitler havia acabado com o perigo marxista em

1933. A grande maioria se via aceitando as várias regulações e as políticas obrigatórias, culpando outras pessoas e fatores pelos problemas, mas seguindo admirando Hitler, o que tornavam baixas as chances de críticas ao regime (Evans, 2006: 292).

Os profissionais graduados em universidades também tiveram alterações em suas condições com o nazismo, porém de maneira variada. Enquanto alguns desses profissionais foram elevados de status, como médicos, outros viram seus status acabar, como advogados e professores. O nazismo possuía em seu caráter um anti-intelectualismo, que afetou o status desses grupos, além de reduzir o número de estudantes universitários e o de instituições estudantis autônomas. A transformação da educação universitária e ao treinamento profissional seguiu uma linha onde a aquisição de conhecimento e habilidades deram lugar a doutrinação e preparação militar, além de produzir certa desmoralização de alguns profissionais (Evans, 2006: 292-293).

A crescente importância das Forças Armadas abriu uma nova carreira para os jovens, que se sentiam atraídos pelo status dados a elas, enquanto outras carreiras se tornaram altamente desinteressantes em comparação (Evans, 2006: 292).

Todos os grupos profissionais, contudo, perderam grande parte de sua autonomia já nos primeiros meses do regime nazista, quando várias associações profissionais foram fechadas e trazidas sob o comando nazista (Evans, 2006: 293).

Passaram a ser regulados e a terem que seguir novas regras que visavam garantir um controle do regime não apenas aos profissionais, mas a sociedade em si; treinamentos que passavam as ideias e os interesses do regime para certos grupos se tornaram obrigatórios. Podemos usar como exemplo os médicos, que passaram a ter de reportar a autoridades casos sérios de alcoolismo, problemas hereditários e doenças sexualmente transmissíveis, entre outros; além disso, foram obrigados a realizar cursos onde se pregava a teoria racial de superioridade ariana (Evans, 2006: 293). Mas, pode-se dizer que nesse período o status dos médicos aumentou, o que se refletiu muitas vezes em aumento de renda desses profissionais, porque em um regime que preza pela supremacia racial, a questão da saúde se torna primordial.

Além da classe média, os operários também passaram a apoiar crescentemente o nazismo, mesmo que tivessem queixas e frustrações com promessas não cumpridas. Uma das primeiras medidas tomadas pelo regime a respeito dos trabalhadores industriais foi destruir o movimento operário alemão. A liderança nazista não queria importar os conflitos de classe que existiam no período da República de Weimar para o regime e, além disso, Hitler e os outros líderes

perceberam nesses primeiros anos do Terceiro Reich que o rearmamento só poderia ser atingido de maneira sólida e rápida se eles lograssem manter a força de trabalho sob controle. Por isso, acabaram com os sindicatos e os substituíram pela German Labour Front, a nova organização de trabalhadores, que deveria coordená-los sob o comando do partido. Baniram também os dois principais partidos da classe trabalhadora, atendendo a tentativa de acabar com a pluralidade política na Alemanha (Evans, 2006: 300-301).

Como já dito anteriormente, a German Labour Front se tornou uma grande organização de trabalhadores sob o comando nazista. Assim, mesmo que representasse os interesses dos trabalhadores frente aos empregadores e à indústria, nunca tomaria medidas que fossem contra o objetivo do regime. E, para atingir esses objetivos, a indústria era indispensável, o que deixava os interesses dos operários em segundo plano.

De acordo com Evans (2006: 303), as novas leis e organizações do trabalho acabaram por tirar o cenário construído no período da República de Weimar de barganha e regulação bilateral entre trabalhadores e empregadores, substituindo-o pelo princípio da liderança nazista, que colocava o poder, basicamente, nas mãos dos empregadores. De acordo com esse pensamento é que seriam arbitradas disputas, reguladas as horas de trabalho, etc...

Nesse sentido, os empregadores tiveram uma posição ambígua sobre a mudança da representação dos trabalhadores industriais. Se por um lado apreciavam o fim dos sindicatos e do movimento operário, viam a nova organização de trabalhadores nazista com desconfiança, já que consideravam a militância que pregavam uma ameaça. E de fato, essas uniões passaram a interferir nos negócios das empresas e a ter demandas não razoáveis, desagradando o grupo empresarial em alguns pontos (Evans, 2006: 300). No período do regime, então, as empresas se viram livres dos sindicatos e tinham que negociar e fazer menos concessões aos os trabalhadores. Mas, por outro lado, sofriam a intervenção do Estado, da German Labour Front e do Partido. Ou seja, perderam parte de sua autonomia (Evans, 2006: 304).

O partido sabia que o fechamento dos sindicatos e a posterior subordinação dos trabalhadores a German Labour Front, uma instituição que se desenvolveu e adquiriu característica autoritária e foi marcado pela corrupção de seus líderes, poderia gerar grande descontentamento na maior classe social alemã, classe essa que havia apoiado e dado força para que o nazismo subjugassem seus inimigos, em especial os comunistas. Dessa maneira, o Terceiro Reich buscava outros meios para manter a classe trabalhadora ao seu lado, sempre com sua

máquina de propaganda agindo constantemente. Uma importante organização que atuou nesse sentido era a *National Socialist Community Strength Through Joy*. O objetivo dessa organização era organizar o lazer e tempo livre dos trabalhadores, ao invés de deixá-los organizarem por si só, de modo que agissem no sentido dos interesses do regime. A ideia era que os trabalhadores ganhassem força através de diversão no seu tempo livre, preenchendo de conteúdo ideológico todo o tipo de lazer, cobrindo áreas como esporte, educação e turismo. Além disso, a organização tinha a intenção de levar o lazer da classe média ao alcance das massas (Evans, 2006: 306).

Era uma organização subsidiária da German Labour Front e contava com grande quantidade de recursos para funcionar. Em 1934-35, mais de 3 milhões de pessoas faziam as atividades físicas, aulas de tênis, vela e outras formas de lazer características da classe média alta oferecidas pela Strength Through Joy. No campo cultural, tornavam entradas de teatro mais baratas para os membros da organização, assim como de concertos e apresentações. Exposições de arte eram organizadas para esse público e milhões de pessoas aproveitaram essas formas de lazer. Era grande a propaganda feita em cima desses projetos, inclusive no exterior, o que fez com que muitos na Inglaterra e até nos Estados Unidos exaltassem esse plano de “civilização das massas” (Evans, 2006: 307).

Essa organização buscava também fomentar a ideia de unidade da população, mostrando que eram todos cidadãos de uma mesma raça superior, que formavam uma sociedade unida e coesa. O turismo era uma parte importante desses projetos, e buscava-se reduzir as divisões das classes de acordo com o poder aquisitivo dos turistas, por exemplo, tirando as diferenças entre as cabines de cruzeiros (Evans, 2006: 307).

Obviamente, tudo não funcionava como se mostrava nas propagandas. Muitos dos cruzeiros tinham acomodações coletivas, sem privacidade. Muitas cidades promoveram uma divisão nos teatros, fazendo com que alguns oferecessem espetáculos para esse novo público, enquanto outros continuavam recebendo membros da classe média, como era antes. Muitos hotéis e pessoas de maiores posses se queixavam da invasão de pessoas de classes mais baixas nos seus lugares preferidos de férias, o que diminuía também os lucros do setor do turismo. Isto é, o que é importante ressaltar é que a tentativa de se criar uma sociedade sem classes ainda estava longe de ser atingida com sucesso (Evans, 2006: 308).

A Strength Through Joy era uma popular inovação cultural trazida pelo regime. Os trabalhadores valorizavam as atividades que só lhes eram possíveis devido a ajuda da organização

A organização tinha a função ideológica e, no mínimo, distraía as pessoas e tinha um efeito positivo na propaganda do regime. Os que participaram das atividades podem não ter incorporado as atividades ideológicas da maneira que era planejada pelo programa, mas, de qualquer maneira, se distanciaram da tradição Social Democrata e Comunista. Com isso, o aparato cultural que havia sido construído no início do século XX, com valores dos movimentos trabalhistas, foi destruído e reorientado de maneira mais populista pelos nazistas (Evans, 2006: 311).

A visão de que os programas da Strength Through Joy e similares eram substitutos de melhorias econômicas reais era difundida na época. Em geral, a situação econômica dos trabalhadores assalariados não melhorou de forma significativa entre 1933 e 1939. Há muitos estudiosos que atribuem ao rearmamento os sacrifícios feitos pela população (Evans, 2006: 313).

Verificando a relação do regime com diversos grupos da classe média e os operários, então, percebemos que as ações que apoiavam e iam ao encontro dos interesses desses grupos logo cessaram, à medida em que a economia passou a ser movida pelos ideais do rearmamento. Necessariamente, o rearmamento favoreceu a grande empresa. Dessa maneira, apesar das promessas nazistas de resgatar a classe média e melhorar a vida dos operários, seus interesses acabaram por ser levados como secundários no regime e muitas das esperanças desses grupos não passaram de ilusões, gerando um descontentamento contra o governo, mesmo que isso não tenha se traduzido em manifestações públicas e organizadas. Por outro lado, o regime nazista necessitava do apoio popular, especialmente no início de seu controle político, para que pudesse consolidar sua posição central e hegemônica dentro da Alemanha. Enquanto organizações como o German Labour Front agiram no sentido de deixar os trabalhadores sob o controle nazista, impedindo agitações sociais, outras como a Strength Through Joy reforçavam a ideologia nazista na mente dos indivíduos, além de funcionar como um mecanismo que fornecia um alívio ilusório aos problemas dessa classe, aproximando-os do regime. De certa maneira, o Strength Through Joy também fazia parte da máquina de propaganda nazista, que assumiu o controle do rádio, da imprensa, do cinema, do teatro e de diversas formas de arte, exaltando o regime e Hitler à todo momento, assim como promovendo uma doutrinação ideológica e estabelecendo objetivos em comum à sociedade, acabando com a pluralidade de pensamento e tornando a sociedade uniforme e coesa em torno do nazismo, tornando-a disposta a aceitar sacrifícios próprios e a relevar a violência e brutalidade contra grupos considerados inimigos da nação, tudo em nome do bem coletivo da grande Alemanha.

Conclusão

A Alemanha da década de 1920 teve a social democracia como pilar ideológico, que serviu como fundação para a República de Weimar. A social democracia, ao mesmo tempo em que se comprometia com os valores liberais e democráticos, com governos constitucionais e assembleias representativas livremente eleitas, buscava atender aos interesses e lutar pelos direitos dos trabalhadores. Esses valores nunca foram unanimidade dentro da sociedade alemã, sofrendo críticas de muitos grupos que desejavam a recuperação de ideias conservadoras que vigoravam até a Primeira Guerra Mundial.

A República de Weimar entrou em grave crise após a crise mundial iniciada em 1929, que colocou a economia do país em recessão e levou o desemprego a altos níveis. A situação de todos piorou, com a população com dificuldade em encontrar trabalho, a falta de investimento privados e o governo social democrata não sabendo como solucionar a crise, nem ao menos amenizar seus efeitos. Como os mais afetados eram os trabalhadores e operários, o pensamento marxista passou a se difundir mais rapidamente dentro da população, o que fazia com que as luzes de alerta de diversos grupos se acendessem.

Foi nesse contexto que o nazismo se fortaleceu e deixou de ser apenas mais um movimento da direita radical que se mantinha marginal em relação à política europeia e passou a ocupar um papel de destaque. Muitos historiadores defendem que a ascensão do nazismo no início da década de 1930 só foi possível pela situação gerada pela recessão mundial e pela disseminação da ideologia comunista, o que me parece ser verdadeiro. Provavelmente, Hitler não teria conseguido o apoio para medidas tão drásticas e radicais como eram as nazistas se a população da Alemanha não tivesse muito descontente com o caos econômico e social do país, desejando uma mudança significativa do sistema vigente.

Hitler teve a percepção da sociedade, entendendo o desejo de mudança. O grande trunfo dos nazistas foi, então, sua capacidade de conciliar os interesses desses diversos grupos presentes na Alemanha, incorporando elementos na ideologia nazista fazendo com que todos se sentissem representados. Mesmo que essa crença fosse ilusória em alguns casos, Hitler conseguia contemplar os desejos de mudanças de, praticamente, todas as classes.

Assim, os nazistas conseguiram o apoio dos militares, com seus planos de rearmamento e prometendo-os posição de destaque no novo regime a ser criado; aos empresários e industriais, Hitler prometia estabilidade política e econômica, o que melhoraria o ambiente para os negócios,

além da derrota do comunismo, deixando as ideias trabalhistas de esquerda sem lugar na Alemanha; a classe média se sentia atraída pelos valores conservadores defendidos pelos nazistas, que acreditavam que os permitira retomar o status social que tinham até o início do século XX, assim como melhorarem sua situação econômica com a abolição de organizações trazidas pelo liberalismo; os operários desejavam a queda do desemprego e a melhora de suas condições de vida, o que Hitler pretendia solucionar com seus planos de criação de emprego, sua prioridade ao assumir o governo.

Com o amplo apoio social, Hitler chegou ao poder de forma constitucional. Uma vez no poder, agiu para consolidar sua posição e acabar com ameaças de opositores. Usando mecanismos democráticos trazidos pela própria social democracia, acabou por implementar na Alemanha uma ditadura praticamente dentro da lei.

Suas medidas de criação de emprego surtiram rápido efeito. Esse ponto, aliado a estabilidade política trazida por um líder forte e pela perseguição de opositores políticos, permitiu uma relativa calma no contexto social. Planos de investimentos do Estado ajudaram a economia voltar a crescer já nos primeiros anos do regime. Assim, a popularidade e o apoio à Hitler cresceram rapidamente, ao mesmo tempo em que a propaganda nazista passou a criar uma aura mística em volta da figura do Führer.

Tendo vencido a crise econômica e consolidado a posição hegemônica do Partido Nazista na política alemã, Hitler pôde colocar em prática seus ambiciosos planos militares, recrudescendo os programas de rearmamento e colocando toda a economia em função desses programas, o que trouxe desenvolvimento a alguns setores e debilidade a outros. Em poucos anos, antes do final da década de 1939, Hitler já possuía um exército e uma produção de guerra que se mostrou capaz de enfrentar as grandes potências da época. Contudo, a guerra acabou sendo deflagrada alguns anos antes do que esperavam os nazistas. O que poderia ter ocorrido caso a Inglaterra e a França tivessem se mantido omissas à invasão da Polônia pelos alemães e Hitler tivesse se preparado da maneira que gostaria, fica a cargo da nossa imaginação.

A manipulação ideológica foi outra inovação característica do regime nazista. O esquema de propaganda montada pelo Partido pregava a todo momento os valores que Hitler julgava importantes para a população, para que todos interiorizassem a ideologia nazista. Havia o monopólio da informação, com os meios de comunicação em massa controlados pelos nazistas e noticiando os fatos de acordo com a visão que mais atendia aos seus interesses. A propaganda

nazista foi essencial para conseguir que as massas passassem a apoiar Hitler fervorosamente e encampassem os planos de criação de uma “grande Alemanha”, sendo a raça ariana superior. Assim, se colocavam dispostos a aceitar sacrifícios pessoais em nome do bem maior da nação.

Ou seja, para conseguir apoio no início da década de 1930, Hitler conseguiu incorporar e personificar os desejos dos grupos pertencentes à sociedade alemã, fazendo com que praticamente todos se sentissem representados e contemplados por suas intenções. Num segundo momento, inverteu a situação e fez com que esses grupos assumissem os anseios nazistas e se colocassem dispostos a serem coniventes com a perseguição às minorias e os dissidentes, e a lutar e morrer pelo Reich. A recuperação econômica após a Grande Depressão, as várias estratégias para orientar os pensamentos e ideais da população, assim como a disponibilidade de métodos coercitivos, agiram no sentido de garantir a coesão social em torno do nazismo.

Bibliografia

- ALY, G. *Hitler's Beneficiaries: Plunder, Racial War, and the Nazi Welfare State*. New York: Macmillan, 2008.
- DEIST, W. et al. *Germany and the Second World War: Volume 1: The Build-up of German Aggression*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- EVANS, R. J. *The Third Reich in Power*. New York: Penguin, 2006.
- GELLATELY, R. *Backing Hitler: Consent and Coercion in Nazi Germany*. New York: Oxford University Press, 2001.
- HARSCH, D. *German Social Democracy and the Rise of Nazism*. 1 edition ed. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1993.
- HOBBSBAWM, E. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OVERY, R. J. *War and Economy in the Third Reich*. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- _____. Economics and the Origins of the Second World War. In: MCDONOUGH, F. (Ed.). *The Origins of the Second World War: An International Perspective*. [s.l.] A&C Black, 2011. p. 482–506.
- STACKELBERG, R.; WINKLE, S. A. *The Nazi Germany Sourcebook: An Anthology of Texts*. London: Routledge, 2002.
- HAYES, P. *Carl Bosch and Carl Krauch - chemistry and the political economy of Germany, 1925–1945*: Cambridge University Press, 1987. *The Journal of Economic History*, Vol. 47, No. 2, The Tasks of Economic History (Jun.1987), pp. 353-363.
- KALLIS, A. *Nazi Propaganda and the Second World War*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.